

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LINIE MACHADO

ENGAJAMENTO ACADÊMICO E QUALIDADE DA AMIZADE: CONEXÕES
ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

CURITIBA

2021

LINIE MACHADO

ENGAJAMENTO ACADÊMICO E QUALIDADE DA AMIZADE: CONEXÕES
ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Josafá Moreira da Cunha

CURITIBA

2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus
Rebouças Maria Teresa Alves Gonzati, CRB
9/1584

Machado, Linie.

Engajamento acadêmico e qualidade da amizade : conexões entre
estudantes do Ensino Fundamental / Linie Machado – Curitiba, 2021.
85 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orientador: Prof. Josafá Moreira da Cunha

1. Estudantes – Rendimento escolar. 2. Estudantes – Formação. 3.
Ensino fundamental 4. Relacionamento interpessoal. 5. Relações
humanas. 6. Amizade. I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **LINIE MACHADO** intitulada: **Engajamento Acadêmico e Qualidade da Amizade: conexões entre estudantes do ensino fundamental**, sob orientação do Prof. Dr. JOSAFÁ MOREIRA DA CUNHA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Junho de 2021.

Assinatura Eletrônica

27/07/2021 14:50:56.0

JOSAFÁ MOREIRA DA CUNHA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

23/07/2021 16:11:56.0

LEANDRO KRUSZIELSKI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

16/07/2021 08:46:22.0

JONATHAN SANTO

Avaliador Externo (UNIVERSITY OF NEBRASKA AT OMAHA)

Assinatura Eletrônica

23/07/2021 15:27:40.0

GABRIELA ISABEL REYES ORMENO

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

De acordo com o dicionário, o termo agradecer refere-se ao ato de demonstrar gratidão, oferecer graças, reconhecer. Que imenso prazer poder agradecer a todos que colaboraram diretamente ou indiretamente para o desenvolvimento deste estudo. Em um momento tão difícil que estamos vivenciando, diante de uma pandemia que tem trazido tanta angústia e sofrimento, destinar um tempo para dizer “obrigada” é um gesto de conforto.

Vamos então às honras... Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela dádiva da vida e pelo seu infinito amor. Por ser minha fonte de energia e de esperança em todos os momentos de dificuldades. Obrigada por sempre estar ao meu lado, guiando-me pelos bons caminhos e me concedendo sabedoria e coragem para enfrentar os obstáculos.

Em segundo lugar, agradeço a minha família que disponibilizou todo o apoio necessário nesse momento tão delicado e desafiador. Que felicidade poder receber esse carinho e força de vocês...obrigada por tanto! Gostaria de fazer um agradecimento especial aos meus sobrinhos, que não tem muitos anos de vida, mas que já ensinam muito sobre simplicidade, cuidado e amor. Obrigada Vicente e Celina, pela leveza que trouxeram em períodos tão caóticos. Tão pequenos, mas tão sábios!

Em terceiro lugar, agradeço aos meus amigos(as), aqueles que estiveram presentes nessa trajetória e que me ajudaram constantemente. Não consigo citar nesse estudo todos os nomes envolvidos, mas vocês sabem quem são... como é bom ter vocês! Gratidão pelas conversas, risadas, pelos momentos de alegria e por todo o suporte de sempre! Aos amigos do *Grupo Interagir* meu profundo agradecimento, que satisfação poder conhecer vocês! Acolheram-me de forma carinhosa e me mostraram que a vida na pós-graduação não precisa ser solitária. Obrigada pelo apoio e por todos os cafés (*coffee break* sem

vocês não tem graça nenhuma).

Obrigada ao meu orientador que não mediu esforços para que esse estudo fosse realizado. Professor Josafá você é inspirador, sempre desafiando seus alunos a saírem da zona de conforto e a descobrirem novas possibilidades. Sua postura, sua dedicação, seu zelo, te tornam um profissional incrível. Agradeço pelos ensinamentos acadêmicos e de vida! Obrigada aos professores da banca que fizeram a leitura cuidadosa do estudo, e apontaram considerações importantes no exame de qualificação.

E por fim, agradeço a CAPES pelo suporte financeiro que colaborou para a execução desta pesquisa. O mestrado foi uma grande oportunidade, que além de colaborar para o meu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional, ainda possibilitou inúmeras experiências.

Obrigada a todos aqueles que são bons amigos, vocês fazem a diferença! E você que está prestes a ler essa pesquisa, obrigada pelo interesse!

“Se você tem dois amigos em sua vida, você tem sorte. Se você tem um bom amigo, você tem mais do que sorte”
(Hinton, 1997)

RESUMO

As relações de amizade ocupam um papel importante na vida dos indivíduos e no seu processo de desenvolvimento e bem-estar. Reconhecida pelo vínculo afetivo que estabelece entre os envolvidos, ela assume destaque na adolescência e influencia o processo de aquisição de competências. A literatura destaca que esse relacionamento também pode contribuir com o processo de engajamento acadêmico, entretanto, há estudos que afirmam que nem todos os aspectos das relações de amizade são favoráveis ao engajamento. Diante disso, este estudo pretende analisar os fatores dessas relações, investigando como a qualidade da amizade pode estar associada ao engajamento dos estudantes. Participaram deste estudo 634 estudantes do Ensino Fundamental, com idade entre 10 e 14 anos, matriculados em escolas públicas da cidade de Curitiba, no Estado do Paraná. Para a coleta de dados foram utilizados como instrumentos o Inventário da Rede de Relacionamentos (NRI-RQV) e a Escala de Engajamento Escolar (EEE), e a análise dos dados incluiu técnicas descritivas e inferenciais. Os resultados revelaram que a qualidade da amizade estava correlacionada ao engajamento acadêmico, de modo que a dimensão positiva poderia favorecer o engajamento emocional, enquanto a dimensão negativa poderia prejudicar o engajamento acadêmico global, comportamental e emocional. Além disso, na análise de regressão, fatores como aprovação, intimidade e dominância foram significativamente associados ao engajamento dos estudantes. Os dados evidenciam a importância de estabelecer e manter relações positivas entre estudantes no contexto escolar, como forma de favorecer o engajamento acadêmico.

Palavras-Chave: Qualidade da amizade. Engajamento acadêmico. Adolescência.

Relacionamento.

ABSTRACT

Friendship relationships play an important role in the lives of individuals and in their developmental process and well-being. Recognized by the affective bond established between those involved, it assumes prominence in adolescence and influences the process of acquiring skills. The literature highlights that this relationship can also contribute to the process of academic engagement, however, there are studies that state that not all aspects of friendship relationships are favorable to engagement. Given this, this study aims to analyze the factors of these relationships by investigating how the quality of friendship may be associated with student engagement. A total of 634 elementary school students, aged 10 to 14 years, enrolled in public schools in the city of Curitiba, Paraná State, participated in this study. For data collection, the Network of Relationships Inventory (NRI-RQV) and the School Engagement Scale (EEE) were used as instruments, and data analysis included descriptive and inferential techniques. The results revealed that friendship quality was correlated with academic engagement, such that the positive dimension could favor emotional engagement, while the negative dimension could impair overall academic, behavioral, and emotional engagement.

Furthermore, in the regression analysis, factors such as approval, intimacy, and dominance were significantly associated with student engagement. The data highlight the importance of establishing and maintaining positive relationships between students in the school context as a way to foster academic engagement.

Key Words: Quality of friendship. Academic Engagement. Adolescence. Relationship.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Definição das dimensões da Qualidade da Amizade.....	29
Tabela 2: Distribuição Amostral por Faixa Etária.....	42
Tabela 3: Estatística Descritiva do perfil sociodemográfico da Amostra Total.....	43
Tabela 4: Índices de Consistência Interna das dimensões do Inventário da Rede de Relacionamentos.....	48
Tabela 5: Índices de Consistência Interna das dimensões da Escala de Engajamento Escolar.....	50
Tabela 6: Índices de Correlação entre as dimensões do Inventário da Rede de Relacionamentos (NRI-RQV) e a Escala de Engajamento Escolar (EEE).....	51
Tabela 7: Regressão Linear: Engajamento Acadêmico Global e Qualidade da Amizade.....	53
Tabela 8: Regressão Linear: Engajamento Comportamental e Qualidade da Amizade.....	55
Tabela 9: Regressão Linear: Engajamento Emocional e Qualidade da Amizade.....	57
Tabela 10: Regressão Linear: Engajamento Cognitivo e Qualidade da Amizade.....	59

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Modelo Conceitual.....	47
---	-----------

LISTA DE SIGLAS

NRI — *Network of Relationship Inventory* [Inventário da Rede de Relacionamentos]

EEE — Escala de Engajamento Escolar

TCLE — Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SPSS — *Statistical Package for the Social Sciences* [Pacote Estatístico para as Ciências Sociais]

SUMÁRIO

1 Apresentação.....	15
2 Revisão de Literatura.....	20
2.1 As Interações Sociais no Contexto Escolar.....	20
2.2 Relações de Amizade: Conceito e Características.....	21
2.3 Implicações das Relações de Amizade.....	25
2.4 Qualidade da Amizade.....	27
2.5 Engajamento Acadêmico.....	30
2.6 As Relações de Amizade e o Engajamento Acadêmico.....	35
3 Presente Estudo: Objetivos e Hipóteses.....	41
4 Método.....	42
4.1 Participantes.....	42
4.2 Procedimentos de Coleta de Dados.....	44
4.3 Instrumentos.....	45
4.3.1 Inventário da Rede de Relacionamentos(NRI- RQV).....	45
4.3.2 Escala de Engajamento Escolar (EEE).....	46

4.4 Plano de Análise.....	46
5 Resultados.....	47
5.1 Análise do Inventário da Rede de Relacionamentos.....	47
5.2 Análise da Escala de Engajamento Escolar.....	49
5.3 Correlação entre o Engajamento Acadêmico e a Qualidade da Amizade.....	50
5.4 Análise de Regressão: Engajamento Acadêmico a partir da Qualidade da Amizade	52
6 Discussão.....	60
7 Considerações Finais.....	66
Referências.....	68

1 Apresentação

O ser humano enquanto um ser social, interage com o ambiente e com os indivíduos durante todo o seu ciclo de vida. Dentre as diversas relações sociais que estabelece, a amizade configura-se como indispensável no processo de desenvolvimento pessoal. Reconhecida como uma relação recíproca que possui caráter voluntário (Rubin et al., 2007) e um vínculo afetivo, ela envolve em sua constituição altos níveis de companheirismo, intimidade, segurança e apoio mútuo (Bukowski et al., 2009).

A amizade atua perante a saúde e o bem-estar dos indivíduos (Souza & Duarte, 2014), auxilia no processo de construção da identidade (Mello & Teixeira, 2011; Morgan & Korobov, 2012), permite a troca de experiências, colabora com o processo de socialização e pode atenuar o impacto de experiências estressantes (Adams et al., 2011). Ao mesmo tempo que se torna um contexto de desenvolvimento, pois ao ser designada como um microsistema relacional (Bronfenbrenner, 2011) ela possibilita o estabelecimento de interações interpessoais e estimula a aquisição de diversas habilidades e competências (Vaquera & Kao, 2008).

Na adolescência esse relacionamento se torna ainda mais intenso, devido a relevância dada ao suporte dos amigos (Tomé et al., 2012). A conexão afetiva se torna ainda mais expressiva e varia de acordo com os aspectos dos indivíduos, com a qualidade das relações que eles estabelecem (Bacalhau, 2003) e com o contexto no qual estão inseridos. Portanto, seus efeitos dependem da maneira com que essas relações estão constituídas e de como são interpretadas.

Apesar da relação com os amigos ocupar um lugar de destaque na vida dos adolescentes, isso não reduz a influência da família no processo de desenvolvimento. Pelo contrário, as relações familiares continuam sendo referências importantes, pois

servem como base para outras relações, afetando aspectos com os quais o indivíduo tem acesso direto e que podem influenciar indiretamente futuras relações (Collins & Laursen, 2004).

Além da família, a escola também assume um papel importante no desenvolvimento desses relacionamentos. Designada como um espaço favorável para o estreitamento das relações afetivas e para a convivência entre os pares, ela se torna cenário de socialização, devido ao longo tempo diário em que os estudantes permanecem ali e interagem. Ter um amigo nesse contexto pode torná-lo agradável e encorajador (Olios, 2012), devido às formas de tratamento que são compartilhadas e que fortalecem os níveis de envolvimento.

A importância da amizade nesse ambiente pode ser observada no estudo realizado por Abramovay e colaboradores (2015), que buscava analisar a percepção dos jovens sobre o contexto escolar. A partir de questões sobre permanência na escola, motivação, clima escolar, demandas e dificuldades acadêmicas, foi revelado que a amizade assume caráter indispensável na trajetória do indivíduo. De tal modo, que no aspecto que tratou dos significados atribuídos à escola, 22% dos participantes se referiam a seus amigos como fator de referência (Abramovay et al., 2015). Além disso, na modalidade que questionava os aspectos que favoreciam a permanência dos estudantes, ela obteve percentual de 23,5%, sendo o elemento mais citado.

Há de se considerar que o ato de ensinar tem sido visto como uma prática repleta de desafios e empecilhos. Dentre as inúmeras dificuldades que assolam os muros da escola, a falta de engajamento dos estudantes tem sido alvo de diversas investigações nacionais (Fonsêca et al., 2016; Vitória et al., 2018) e também estrangeiras (Roundfield et al., 2018; Wang & Fredricks, 2014), devido os prejuízos que pode

ocasionar perante o desenvolvimento acadêmico, como a evasão e a realização de comportamentos inadequados (Fredricks et al., 2004).

O termo engajamento acadêmico pode ser compreendido como um processo multidimensional formado por três dimensões: comportamental, emocional e cognitivo (Fredricks, et al., 2004) que quando estimulados de maneira simultânea favorecem o desenvolvimento integral dos estudantes. Conseqüentemente, estar engajado no ambiente acadêmico envolve mais que a frequência nas aulas e a participação nas atividades, mas demanda o envolvimento em atividades que façam sentido e que estimulem o protagonismo, colaboração e aprendizagem ativa (Vitória et al., 2018).

Nesse ínterim, as relações de amizade podem ser consideradas influências importantes no processo de engajamento acadêmico (Bardagi & Hutz, 2012; Menezes et al., 2016; Santos et al., 2015). Considerando que os amigos atuam como fonte de apoio, essa troca de experiências entre os envolvidos pode atribuir sentido a trajetória acadêmica (Santos et al., 2015), aumentando o envolvimento nas atividades e impulsionando sua frequência nas aulas (Roundfield et al., 2018).

Todavia, a presença dos amigos não é o único fator que importa nesse contexto de desenvolvimento. A qualidade dos relacionamentos também se torna um aspecto importante a ser verificado, pois permite compreender a percepção dos indivíduos sobre suas interações e suas respectivas influências (Carvalho et al., 2017). Além disso, conforme referencia Hosan & Hoglund (2017), manter relações de alta qualidade na escola pode contribuir com o sentimento de pertencimento dos estudantes e com o seu processo de envolvimento acadêmico.

Embora existam indícios teóricos suportando a associação positiva entre as

relações de amizade e o engajamento acadêmico, há estudos que destacam o contrário, e admitem que essas interações nem sempre favorecem o envolvimento dos estudantes (Kingery et al., 2011; Li et al., 2011). De modo, que alguns aspectos presentes nas relações de amizade podem reduzir o nível de engajamento, seja por não oferecer disposições adequadas para o desenvolvimento de competências ou não proporcionar suporte emocional e estabilidade.

Essas divergências apontam a necessidade de investigar os fatores responsáveis pelas influências nesses relacionamentos, visando o desenvolvimento de estratégias que incentivem uma interação positiva nesse espaço. Nesse panorama, a presente pesquisa pretende examinar a associação entre a qualidade das relações de amizade e o processo de engajamento acadêmico. A partir da análise secundária de dados coletados em 2012, será investigada a percepção dos estudantes sobre as dimensões positivas e negativas das suas amizades no ambiente escolar.

Para abordar o objetivo proposto, este estudo será dividido em capítulos, contendo duas seções principais. Na primeira seção, será apresentada uma breve revisão de literatura, fundamentando o estudo empírico sobre o problema abordado. Inicialmente, será realizada uma abordagem geral das relações de amizade, detalhando suas definições, características e principais contribuições para o desenvolvimento humano. Nesse aspecto, será enfatizado a importância de avaliar a qualidade das relações no contexto escolar, destacando um conjunto de dimensões que pode colaborar para tal análise. Em seguida, é feita uma exposição do conceito de engajamento acadêmico, analisando suas dimensões específicas, as estratégias que podem ser utilizadas para manter os estudantes engajados e seus benefícios para as atividades escolares. Por fim, através de estudos recentes é discutida a conexão existente entre as

relações de amizade e o fenômeno do engajamento acadêmico. Na segunda seção será exposta a investigação empírica, onde serão relatados os procedimentos metodológicos realizados neste estudo.

2 Revisão de Literatura

2.1 As Interações sociais no Contexto Escolar

Desde os primórdios da civilização, o ser humano mantém constante interação com o contexto no qual está inserido e com os indivíduos que fazem parte de seu meio. Interagir não é visto somente como uma condição humana designada para fins de comunicação, mas como uma prática que está presente no dia a dia e que traz inúmeros benefícios para a formação pessoal, social e emocional.

A interação interpessoal envolve toda ação iniciada entre dois ou mais indivíduos e que pode tornar-se estímulo ou resposta para comportamentos subsequentes (Rubin et al., 2007). Entretanto, o termo não corresponde somente a relação direta entre os indivíduos, mas refere-se à condição necessária que o indivíduo tem de inserir-se no meio social e de realizar seu processo de autoconhecimento (Colaço, 2004).

Essas interações interpessoais não englobam somente as relações dotadas de afeto, mas incluem todas as relações formadas pelos indivíduos ao longo da vida. De acordo com Brown (2004) esse é um contexto multifacetado, e existem três níveis de interação entre os pares. O primeiro nível é caracterizado pelas relações diádicas que são estabelecidas entre os amigos, parceiros românticos e desafetos. O segundo nível é formado pelas interações realizadas com grupos de pares que interagem regularmente entre si, incluindo colegas de classe e grupos de afinidades. Já o terceiro nível inclui interações mais abrangentes, que são compostas com pares do qual não se tem muito contato, como conhecidos e vizinhos.

De acordo com Souza et al. (2018), é por meio dessas interações que os indivíduos

aprendem novos conhecimentos, conseguem viver em sociedade e se desenvolvem cognitivamente. Paralelamente, essas interações auxiliam na construção da identidade e no desenvolvimento de mecanismos referentes à linguagem, cognição e socialização (Delgado, 2015).

No contexto escolar essas interações podem assumir um papel importante em diversos aspectos do desenvolvimento, devido às condições ambientais existentes, que facilitam a troca de experiências entre os indivíduos e permitem que eles se tornem sujeitos ativos do seu próprio desenvolvimento (Souza et al., 2018). Neste espaço se formam os primeiros grupos de pares, as primeiras regras de convivência e que desde muito cedo vão auxiliando no desenvolvimento de competências (Lopes et al., 2003).

O meio se torna um elemento tão influente nessa análise, que é por meio dele que o indivíduo fundamenta sua postura diante das novas relações, e organiza sua forma de socializar (Tortella, 2001). Tal reflexão reforça o princípio bidirecional defendido por Bronfenbrenner (2011) que afirma que o indivíduo influencia o contexto, da mesma forma que é influenciado por ele. Nesse caso, uma série de contextos aninhados interagem entre si e influenciam processos específicos de desenvolvimento humano ao longo do tempo.

Mas é preciso estar atento, pois não é apenas a presença ou ausência das interações que influenciam à trajetória do estudante. De acordo com Fior (2008) o tipo, conteúdo e qualidade das interações podem acarretar impactos expressivos nesse processo.

2.2 Relações de Amizade: Conceito e Características

Dentre as interações interpessoais, a amizade se configura como um dos relacionamentos que pode exercer maior impacto na vida do indivíduo.

Reconhecida pela sua característica afetiva, ela vem sendo alvo de pesquisas e investigações, principalmente quando se procura entender as contribuições desse tipo de relacionamento para: o bem-estar pessoal (Capelinha, 2013; Souza & Duarte, 2014), redução dos problemas de comportamento (Monteiro, 2012; Santos, 2016), desenvolvimento emocional (Souza & Hutz, 2008; Souza, 2009), motivação (Fior, 2008) e ajustamento acadêmico (Camacho et al., 2010; Freitas et al., 2018).

Configurada como uma relação dinâmica e abrangente, a amizade possui inúmeras definições no campo teórico. Nesse estudo, especialmente, o termo será compreendido como um relacionamento recíproco e voluntário que reconhecido pelos indivíduos, oferece oportunidades de expressão e afeto (Rubin et al., 2007). Tendo como principais características aspectos como o companheirismo, ajuda, apoio, confiança, respeito, proximidade, verificação de interesses e disponibilidade (Rubin et al., 2008), ela se torna um fator de segurança para os sujeitos, pois é vista como um sistema de apoio perante as adversidades.

Além disso, ao atuar como um contexto proximal (Bronfenbrenner, 2011) ela se torna um importante microsistema. Por meio da amizade, os indivíduos aprendem e praticam competências, compartilham intimidade, manifestam expressões (Sena & Souza, 2010) e modificam seus comportamentos. Ao fornecer esse cenário para que o processo de socialização ocorra, ela contribui para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo dos sujeitos, melhorando o seu ajustamento e o sentimento de bem-estar, seja em curto ou longo prazo (Bagwell, 2020).

De modo geral, a amizade possui um caráter espontâneo e um senso de liberdade não encontrado em outras relações (Garcia & Pereira, 2008). Enquanto nas relações familiares não existe opção de escolha, e desde o nascimento os indivíduos já fazem parte de um sistema familiar. No caso da amizade, existe uma natureza voluntária que permite que sejam escolhidos os amigos a partir de critérios estabelecidos pelos próprios sujeitos (Garcia & Pereira, 2008). Desse modo, a vontade do indivíduo em querer se relacionar com outra pessoa e o elo de proximidade desenvolvido nessas relações proporciona uma intensidade maior nas conversas, risos e vivências, quando comparadas à outras interações sociais (Capelinha, 2013).

Na adolescência essas relações assumem um significado particular, pois nessa fase os indivíduos sentem uma necessidade maior de estabelecer interações e de crescer com as experiências que vivenciam (Rubin et al., 2007). Assim, a amizade não é vista apenas como uma interação social, mas como um fator que age diretamente na construção da identidade e que ocasiona sentimentos positivos, seja adquirindo amigos ou se sentindo pertencente ao contexto (Bacalhau, 2003).

Durante a adolescência há também uma transição nos processos de monitoria parental, de modo que as interações realizadas se tornam menos controladas pelos pais (Sussman et al., 2007) e os adolescentes têm maior autonomia para escolha dos amigos. Lopes (2007) sublinha que esses critérios para seleção de amizades podem depender de fatores individuais e de fatores relacionais, como as características dos amigos, frequência com que são realizadas as interações, os tipos de atividades desenvolvidas, as formas de comunicação e outros aspectos que confirmam proximidade.

Contudo, há estudos que evidenciam que os adolescentes estão dispostos a fazer essa escolha por meio de critérios de similaridade, ou seja, elegendo como

“amigos” aqueles indivíduos com interesses e valores semelhantes (Laursen, 2017). Na pesquisa realizada por Dijkstra et al. (2013) é possível observar a influência desse processo seletivo perante o próprio status dos adolescentes. Através das respostas dos entrevistados foi possível perceber uma preferência em escolher amigos com o mesmo sexo e etnia, devido à tendência dos adolescentes em se afiliar a indivíduos com status de popularidade semelhantes.

De fato, esse contato frequente que os indivíduos têm com os amigos pode influenciar diversos aspectos do seu desenvolvimento (Tomé et al., 2019). No entanto, tais influências nem sempre possuem caráter positivo, e dependendo da forma com que os relacionamentos se dispõem, eles podem apresentar interferências negativas. Nesse caso, da mesma forma que pode colaborar com o desenvolvimento acadêmico dos adolescentes, ajudando na aprendizagem de habilidades e oferecendo suporte acadêmico (Veronneau & Dishion, 2011), pode inspirar o envolvimento em comportamentos de risco, o uso de substâncias ilícitas, comportamentos sexuais inapropriados e problemas comportamentais (Tomé et al., 2019).

É preciso ressaltar que essas influências são relativas e variam de acordo com as características dos indivíduos e com a percepção que eles têm dos seus relacionamentos (Bacalhau, 2003). Essa variação é resultado da mudança de perspectiva que ocorre ao longo do tempo, e que faz com que esses indivíduos sejam responsáveis pelas suas próprias escolhas (Poulin & Chan, 2010). Enquanto as crianças percebem as relações de amizade como atrelada à participação em determinadas brincadeiras e a proximidade física, para os adolescentes essa relação é vista de forma mais complexa, implicando questões morais e qualidades simbólicas (Lopes, 2007).

Algumas características valorizadas nas relações de amizade podem ser examina

das no estudo de Kuruzovic (2015), o qual avaliou aspectos dessas relações como tempo de duração, estabilidade, reciprocidade e qualidade. A amostra foi composta por 425 adolescentes na primeira fase do estudo e por 358 na segunda fase. Foi constatado que a maioria dos relacionamentos dos participantes demonstra um grau elevado de estabilidade, proximidade e companheirismo. Nessa fase, os amigos são vistos como fonte relevante de segurança, apoio emocional e lealdade, pois auxiliam na descoberta de sentimentos e na confirmação de valores.

2.3 Implicações das Relações de Amizade

As relações de amizade podem proporcionar inúmeros benefícios para o desenvolvimento do indivíduo e para o seu bem-estar. De forma geral, ela é vista como um fator de proteção, que ao aumentar o ajuste psicossocial, reduz a vulnerabilidade (Kendrick et al., 2012) e pode atenuar alguns dos efeitos negativos associados à vitimização entre pares (Adams et al., 2011).

A literatura destaca que os efeitos derivados de situações estressantes podem ser menores quando se tem alguém com quem se pode confiar, pois quanto mais apoiados estiverem os indivíduos, mais preparados estão para enfrentar os obstáculos que surgem em sua trajetória (Santos et al., 2015). O apoio dos amigos também pode colaborar com a saúde mental, na medida que pode diminuir níveis de ansiedade e depressão (Roach, 2019), mesmo ao considerar antecedentes biológicos de tais processos como desequilíbrios na resposta do estresse (Adams et al., 2011).

Tal condição pode ser comprovada no estudo realizado por Adams e colaboradores (2011) do qual participaram 103 estudantes adolescentes da cidade de Montreal. O objetivo principal era investigar como a presença do melhor amigo poderia

atuar diante de experiências negativas, da autoestima global e do eixo hipotalâmico-pituitário-adrenocortical. Os resultados comprovaram que em uma situação de bullying, a presença do “melhor amigo” atua como fator de proteção e contribui para a atenuação da resposta diante do estresse. Nesse caso, a presença do melhor amigo impede a ocorrência de mudanças constantes nos níveis de cortisol e de autoestima global, que seriam elementos relevantes no processo de desenvolvimento.

Cabe frisar, que além de ser reconhecida como fonte de suporte, a amizade pode favorecer o desenvolvimento positivo, favorecer o processo de construção da identidade, fortalecer o diálogo (Mello & Teixeira, 2011), melhorar o autocontrole, colaborar com o desenvolvimento da intimidade e autoestima e auxiliar na resolução de problemas (Roach, 2019).

Na revisão sistemática elaborada por Fehr e Harasymchuk (2018) é possível observar a importância das relações de amizade para o bem-estar físico e psicológico. O estudo revelou que a amizade colabora na auto-divulgação, auto-validação e na manutenção de uma imagem positiva do indivíduo perante os pares. Além disso, existem evidências de que amizades próximas podem promover comportamentos saudáveis, como incentivo a uma alimentação correta, controle do estresse e práticas de exercícios físicos.

Outro estudo que destaca os benefícios dessa relação foi desenvolvido por Tomé et al. (2019) e buscou compreender o papel dos amigos no desenvolvimento dos adolescentes. A pesquisa foi realizada com 5695 estudantes que frequentavam o 8º, 10º e 12º ano de uma escola de Portugal, o qual fazia parte de um estudo denominado *Health Behavior in School*. Os achados do estudo salientam que essa relação se constitui como fator necessário para o bem-estar dos indivíduos, para aquisição de competências

sociais e para o relacionamento em outros âmbitos, pois é nesta relação com os pares que se apresentam os maiores índices de satisfação.

2.4 Qualidade da Amizade

A presença ou ausência de um amigo(a) não é o único fator que importa nesse contexto de desenvolvimento, a qualidade das relações também se torna uma questão importante a ser investigada devido à sua variabilidade. A expressão “qualidade da amizade” pode ser descrita como um indicador da percepção dos indivíduos sobre os aspectos dos seus relacionamentos, em que são avaliados potenciais contribuições para o desenvolvimento interpessoal (Burk & Laursen, 2005). Sendo associada aos papéis que os sujeitos desempenham em uma relação (Rubin et al., 2008), ela nos permite identificar se estes estão sendo fonte de apoio, satisfação e bem-estar (Lopes, 2007).

Para que a amizade seja avaliada como de qualidade, é preciso averiguar os aspectos que compõem essa relação. Entretanto, tal ato se constitui como um grande desafio, uma vez que cada indivíduo entende a qualidade a partir de uma perspectiva subjetiva, alinhando suas próprias necessidades e expectativas (Rubin et al., 2008). De maneira geral, para que uma amizade seja considerada como de alta qualidade, ela deve apresentar uma maior quantidade de aspectos positivos em comparação com os negativos, ao mesmo tempo que para ser considerada de baixa qualidade deve exibir um predomínio de fatores negativos sobre os positivos (Souza, 2006).

Apesar de um relacionamento de boa qualidade estar associado as características positivas, isso não significa que ele esteja imune aos aspectos negativos. Pelo contrário, esses aspectos podem aparecer em relações de alta qualidade, todavia, o que difere de outras relações é a forma com que são categorizados. Um exemplo evidente de tal

condição é que indivíduos com relações de boa qualidade podem perceber o conflito como uma oportunidade para crescer e se desenvolver, enquanto que aqueles que possuem uma baixa qualidade, podem enxergar como um problema, um fator que causa angústias e desânimo (Freitas et al., 2018).

Observe que o conflito é visto como um fator muito comum nas relações entre amigos, e apesar de não ser visto de forma positiva, ele desempenha uma função relevante nas interações. No estudo desenvolvido por Kim (2014) foi revelado que ele se constitui como um componente importante da cultura dos pares e que contribui para o processo de socialização, uma vez que a sua resolução envolve respeito pela perspectiva do outro. Sendo assim, não se trata de uma competição entre aspectos positivos e negativos, mas valoriza-se a função que tais elementos desempenham nas relações.

Os aspectos qualitativos de uma relação assumem um papel determinante no contexto social, conforme é exposto no estudo de Freitas et al. (2018) que envolveu 821 estudantes de escolas públicas da cidade de Lisboa. Os resultados obtidos demonstraram que adolescentes que mantinham amizades de alta qualidade eram vistos pelos pares como menos retraídos socialmente, sendo menos excluídos e vitimizados. Além disso, apresentavam uma maior sociabilidade, melhorando sua perspectiva sobre os outros, e colaborando para o desenvolvimento de relações positivas.

Ao reconhecer que os indivíduos fazem parte de um sistema ecológico que é composto por vários contextos, os quais devem ser vistos como conectados (Bronfenbrenner, 2011), é plausível compreender que a percepção dos indivíduos sobre a qualidade das relações seja influenciada por uma série de categorias. Na visão de Way & Greene (2006) acredita-se que seriam afetadas por fatores pessoais e contextuais, sendo os pessoais referentes às características do próprio indivíduo, e os contextuais

como os aspectos do ambiente familiar, educacional e social.

Nessa perspectiva, é importante salientar que dentre as inúmeras abordagens que avaliam a mensuração da qualidade dos relacionamentos, Furman & Buhrmester (1985) destacam que ela pode ser avaliada a partir de dez dimensões sociais, conforme exposto na tabela abaixo.

Tabela 1

Definição das dimensões da Qualidade da Amizade

DIMENSÃO	DEFINIÇÃO
Companheirismo	Dividir bons momentos com outra pessoa.
Intimidade	Compartilhar segredos e informações pessoais.
Pressão	Ser pressionado a fazer coisas que não gosta ou deseja.
Satisfação	Estar satisfeito e feliz com o relacionamento estabelecido
Conflito	Discutir e discordar com outra pessoa.
Apoio Emocional	Disponibilizar ajuda e apoio diante de problemas.
Crítica	Apontar defeitos e realizar críticas.
Aprovação	Aceitar o outro, aprovar comportamentos e realizar elogios sobre características pessoais.
Dominância	Ter o controle das decisões na relação
Exclusão	Excluir uma pessoa de atividades e não lhe dar atenção.

Nota: Tabela elaborada a partir de Furman & Buhrmester (2010).

Diante do exposto, nota-se que analisar a qualidade das relações de amizade é

uma prática necessária quando se busca compreender a influência desses relacionamentos ao longo do tempo. Mas é preciso acentuar que as implicações de tais relações, variam de acordo com as características dos amigos e de como o relacionamento é percebido pelos envolvidos.

2.5 Engajamento Acadêmico

Compreender os aspectos que influenciam o engajamento dos estudantes em atividades escolares, tem se tornado objeto de estudo de diversos pesquisadores que buscam estratégias para a melhoria do processo de ensino aprendizagem (Ladd & Dinella, 2009; Stelko-Pereira et al., 2015; Trowler, 2010). O interesse pelo envolvimento escolar vem crescendo progressivamente, na medida que tem sido visto como uma solução para a redução da evasão escolar que atinge escolas e afeta o rendimento acadêmico (Wang et al., 2011).

Embora não exista um consenso sobre a definição do termo “engajamento”, ele pode ser empregado para se referir ao grau de envolvimento de um indivíduo em uma determinada ação. Nas últimas décadas, o termo passou por inúmeras transformações em sua nomenclatura, sendo descrito como tempo na tarefa, qualidade do esforço, envolvimento do estudante, resultados de aprendizagem e integração social e acadêmica (Kuh, 2009).

De acordo com autores como Coates (2005) o engajamento acadêmico estaria diretamente associado ao sucesso acadêmico. Para o autor, ele seria definido como a participação do indivíduo em atividades acadêmicas, na qual existe uma finalidade pessoal para sua realização. Diante dessas considerações, para que ele ocorra é

necessário o esforço pessoal do indivíduo, condições de envolvimento disponibilizadas pela instituição de ensino e práticas docentes que favoreçam a motivação nas atividades acadêmicas.

O engajamento pode ainda ser definido como um estado afetivo e cognitivo que envolve um período estável e duradouro de tempo (Schaufeli et al., 2002). Um momento que envolve vigor (energia e resiliência utilizada na realização de uma atividade), dedicação (manifestação de sentimentos em que são demonstrados orgulho por uma ação) e absorção (níveis elevados de concentração, motivação e fruição).

Para Fredricks e seus colaboradores (2004) o engajamento seria descrito como um constructo multidimensional composto por três elementos. O primeiro seria o envolvimento comportamental e refere-se à participação nas tarefas acadêmicas, sociais ou extracurriculares. O segundo compreende o envolvimento emocional e inclui os sentimentos de entusiasmo, orgulho e interesse manifestados pelos indivíduos na realização das atividades. E o terceiro é denominado por envolvimento cognitivo e abrange atenção e disposição para manter o envolvimento, mesmo diante de tarefas complexas e desafiadoras.

Sob ótica semelhante, Trowler (2010) também delinea o engajamento a partir desses três componentes. Enquanto o engajamento comportamental corresponde à obediência das normas, frequência nas aulas e ausência de comportamentos inadequados, o engajamento emocional refere-se as reações emotivas que os estudantes experimentam, como interesse, entusiasmo e pertença, e o engajamento cognitivo, por sua vez, abrange o esforço do indivíduo em realizar atividades por curiosidade em aprender.

Uma das novas formas para conceber processos de engajamento pode ser encontrada na Teoria de Fluxo, proposta por Csikszentmihalyi (2020) que aponta o engajamento acadêmico como um processo dinâmico e interativo, sendo resultado do equilíbrio entre habilidades e desafios. Segundo essa concepção, um estudante engajado mantém uma concentração profunda perante as atividades que está desenvolvendo quando o nível de desafio é adequado ao momento que vivencia, sem a necessidade de recompensas ou ordens, mas orientados pelo seu próprio interesse.

Engajar-se em uma atividade vai além de estar presente nas aulas ou de frequentar o contexto escolar, mas requer um envolvimento por parte dos estudantes, que além de estarem motivados, devem se mobilizar diante de atividades que façam sentido (Vitória et al., 2018). O estudante nessa condição demonstra esforço e comprometimento com as atividades, tendo resiliência e entusiasmo para encontrar estratégias que resultem na obtenção de novos conhecimentos e na resolução de problemas (Fonsêca et al., 2016).

Compreender os motivos que fazem com que um estudante se mantenha engajado pode colaborar com a redução dos índices de evasão escolar (Costa, 2016; Vitoria et al., 2018) e de insatisfação acadêmica. Quando os estudantes se sentem satisfeitos, possuem engajamento e percebem nas atividades algum tipo de significado, eles consolidam sua permanência e participação, evitando o abandono escolar (Costa, 2016).

Um exemplo desta conexão entre o engajamento dos estudantes e as suas respectivas condutas de participação, pode ser constatada na pesquisa de Wang e Fredricks (2014). Foram utilizados dados longitudinais de adolescentes do 7º ao 11º ano, recrutados de 23 escolas públicas dos Estados Unidos. Após análise dos dados foi verificado que altos níveis de comportamentos problemáticos aliado a um menor engajamento eram fatores de risco, e poderiam ocasionar comportamentos delinquentes,

uso de substâncias e abandono escolar. Além disso, estudantes que se mostravam engajados com as atividades, apresentavam facilidade para enfrentar adversidades que poderiam ser encontradas nesse ambiente acadêmico.

De fato, o engajamento acadêmico pode trazer inúmeros benefícios para as realizações na escola. Inicialmente, pode oferecer estrutura social e psicológica às experiências escolares, fazendo com que os indivíduos se sintam mais competentes e desenvolvam relações mais positivas (Skinner & Pitzer, 2012). Além disso, pode melhorar a satisfação e a motivação para o aprendizado, reduzir o sentimento de solidão (Martin & Bolliger, 2018), contribuir com o desenvolvimento cognitivo e social (Ladd & Dinella, 2009) e inferir perante o desempenho dos estudantes.

Essa associação entre o engajamento acadêmico e desempenho escolar pode ser avaliada no estudo desenvolvido por Lee (2014), o qual avaliou respostas de 3.268 adolescentes de 121 instituições dos Estados Unidos. Foi revelado que o envolvimento comportamental e também o emocional eram preditores significativos de um bom desempenho na leitura. Ou seja, estudantes que apresentaram maior envolvimento emocional obtiveram maiores notas em leitura, em comparação com aqueles que não apresentaram reações emocionais. Esses resultados ilustram que estudantes que se sentem pertencentes ao contexto escolar, costumam apresentar maior esforço e dedicação no processo de aprendizagem, obtendo melhor rendimento ao longo do tempo.

Outro estudo que afirma que existe uma relação recíproca entre engajamento e desempenho, refere-se ao desenvolvido por Moreira e colaboradores (2018) com estudantes portugueses. Os dados mostram que o maior desempenho dos estudantes era derivado das aspirações sobre o futuro e das perspectivas positivas que eles tinham

sobre à escola, muitas vezes desenvolvidas pelo apoio disponibilizado no processo de aprendizagem. Por outro lado, os estudantes que apresentaram um menor desempenho estavam menos envolvidos com à escola, e tinham uma probabilidade maior de se manterem desmotivados.

Convém lembrar que existem vários aspectos que podem influenciar o engajamento acadêmico dos estudantes. Dentre esses fatores podem ser incluídos aspectos como recursos e as disposições da escola, a didática dos professores e o domínio de conhecimento, as características das atividades, além da exposição das regras e normas (Fredricks et al., 2004) e as interações sociais estabelecidas nesse ambiente (Valle et al., 2015).

A literatura também aponta que variáveis como gênero e idade também podem ser responsáveis por diferenças nos níveis de engajamento acadêmico dos estudantes e pelas suas influências nesse processo (Lam et al., 2012; Martin, 2012). Em relação ao gênero, há estudos que indicam que as meninas apresentam um maior engajamento que os meninos (Lam et al., 2012; Valle et al., 2015). De acordo com essa perspectiva, as meninas exibem maior participação, cooperação e autonomia em relação aos meninos, que por sua vez, podem apresentar uma frequência maior de problemas de comportamento no âmbito escolar (Valle et al., 2015).

Na pesquisa desenvolvida por Lam et al. (2012) é possível perceber essas disparidades relacionadas ao gênero de estudantes no contexto escolar. O intuito era avaliar se a variável de gênero poderia afetar o engajamento dos estudantes e o seu desempenho na escola. Participaram desta pesquisa 3420 estudantes de doze países, de diversas origens e culturas. Os resultados indicaram que as meninas apresentaram maior envolvimento e, segundo o relato dos docentes, exibiam alto desempenho escolar em

comparação aos meninos.

Já em relação à idade, alguns estudos afirmam que estudantes no início da adolescência possuem uma tendência em apresentar maiores níveis de engajamento nas atividades acadêmicas, em comparação com os estudantes que se encontram no final dessa fase (Fonseca et al., 2016; Martin, 2012). A hipótese proposta é de que o engajamento diminui progressivamente, na medida que os estudantes avançam na escola, ou seja, na passagem do ensino fundamental para o ensino médio (Goñi et al., 2018).

Em um dos seus estudos, Martin (2012) investigou o efeito do gênero e da idade no processo de motivação e do engajamento acadêmico. Após análise detalhada dos dados, os resultados apontaram que estudantes de 12 e 13 anos apresentavam maior comprometimento com a escola do que indivíduos de 14 e 15 e de 16 e 18 anos. Ainda foi constatado que há uma queda no engajamento dos meninos quando eles atingem os 14-15 anos, e com as meninas quando elas chegam a faixa etária dos 16-18 anos.

Nesse ínterim, reconhecer os fatores que fazem com que um estudante se mantenha engajado é de extrema importância para a melhoria do processo de ensino, pois possibilita a criação de estratégias que estimulem tais aspectos e favoreçam o envolvimento no contexto escolar.

2.6 As Relações de Amizade e o Engajamento Acadêmico

Conforme já mencionado, as relações de amizade podem acarretar diversos benefícios para o desenvolvimento interpessoal do indivíduo e para o seu processo de socialização. Entretanto, suas influências não se restringem apenas ao contexto pessoal

dos indivíduos, mas podem intervir no contexto escolar, seja no desenvolvimento de habilidades acadêmicas ou no percurso escolar dos estudantes (Hosan, & Hoglund, 2017; Veronneau & Dishion, 2011; Wentzel et al., 2018).

A literatura destaca uma série de abordagens que podem nos ajudar a compreender a relação entre processos de amizade e engajamento acadêmico. Vitaro et al. (2009) destacam duas perspectivas que têm sido utilizadas para explicar como a amizade influencia o desenvolvimento dos estudantes. A primeira origina-se da concepção do vínculo social, e avalia como a participação e a qualidade dos relacionamentos contribui positivamente para a promoção do engajamento acadêmico. A segunda perspectiva, por sua vez, é baseada na teoria social e procura verificar quais comportamentos estabelecidos entre os amigos gera um impacto negativo no envolvimento das crianças e dos adolescentes.

Para Camacho et al. (2010) a explicação para a associação entre relações de amizade e engajamento acadêmico deriva do efeito positivo que essa relação tem perante os indivíduos. Nesse caso, o suporte social seria a resposta para essa associação, uma vez que ao atuar como fonte de apoio, ele modifica a perspectiva dos indivíduos sobre o contexto escolar e estimula-os adquirir competências (Wang & Eccles, 2013). Logo, estudantes que se sentem acolhidos e apoiados pelos amigos são mais propensos a se interessarem pelas atividades de ensino (Wang & Eccles, 2013) e apresentarem comportamentos revigorados, como empolgação e interesse. Enquanto isso, indivíduos que não sentem esse reconhecimento, tendem a manifestar aflições e dificuldades de envolvimento (Furrer & Skinner, 2003).

Essa relação entre suporte e engajamento pode ser observada no estudo longitudinal proposto por Picton et al. (2017). A partir de entrevistas semiestruturadas

realizadas com estudantes durante um ano letivo, foi constatado que os amigos moldam as experiências de engajamento dos estudantes a partir dos sentimentos de apoio que viabilizam. O suporte promovido pelos amigos possibilita uma sensação de bem-estar e diversão, favorecendo o envolvimento e reduzindo o estresse.

Segundo Lessard (2019) a proximidade das relações de amizade auxilia o engajamento, devido as oportunidades de contato e comunicação que os amigos proporcionam. De modo, que relações de amizade dotadas de apoio emocional possibilitam a modelagem de comportamentos, obtenção de competências e o desempenho acadêmico (Lessard, 2019). É importante enfatizar que esse desempenho pode variar em função da orientação acadêmica dos amigos, da qualidade da relação, do tipo de apoio fornecido e das características dos indivíduos.

Por outro lado, o engajamento pode estar associado ao sentimento de pertencimento oferecido no contexto das amizades (Delgado, et al., 2016; Picton, et al., 2017). Essa concepção articula-se à teoria de motivação proposta por Maslow (1954), que revela que os indivíduos seriam motivados a seguir uma hierarquia de necessidades para sua satisfação pessoal. Nessa perspectiva, quando os indivíduos atendem suas necessidades relacionais de desenvolvimento, possuem bons relacionamentos e se sentem pertencentes em um contexto, é que conseguem direcionar sua atenção para as realizações acadêmicas e envolvimento escolar (Scharphorn, 2013). Ou seja, os relacionamentos interpessoais positivos seriam um antecedente necessário para o engajamento acadêmico.

Esta hipótese é examinada na investigação de Knifsend e colaboradores (2018), que analisaram a relação existente entre as amizades nas atividades extracurriculares e o engajamento dos adolescentes. Os dados deste estudo destacam que a participação

nesse tipo de atividade poderia fortalecer a sensação de pertença, devido a conexão que os estudantes instauram com o contexto e com o grupo de pares.

Sendo assim, a presença dos amigos atua como um fator motivacional e o trabalho cooperativo realizado em sala de aula pode proporcionar um clima mais positivo (Wentzel et al., 2018), favorecendo o processo de ensino. Essas relações adquirem tanta importância perante o engajamento acadêmico que segundo Erdogan (2016), elas acabam exercendo maior influência do que as relações desenvolvidas entre estudantes e professores. Uma justificativa para tal afirmação, advém do nível de proximidade que os estudantes compartilham com seus amigos e que pode fortalecer essas interferências.

Além disso, essa influência poderia ser proveniente dos critérios utilizados para a escolha dos amigos. Pesquisas indicam que o critério de afiliação pode contribuir com esse fenômeno, uma vez que desenvolver relações de amizade com indivíduos engajados facilitaria essa percepção (Juvonen et al., 2012). Dessa forma, indivíduos que possuem amigos com alto rendimento poderiam ser impulsionados a aumentar seu desempenho, enquanto que uma associação com pares de baixo desempenho poderia influenciar negativamente os resultados acadêmicos (Rambaran et al., 2017).

Estudo longitudinal realizado na Finlândia (Wang et al., 2018), apontou que os estudantes tendem a escolher amigos com níveis semelhantes de engajamento. Nesta perspectiva centrada na similaridade, o envolvimento com pares engajados academicamente contribui de forma positiva para a realização no âmbito das atividades escolares, fazendo com que demonstrem maior envolvimento, interesse em aprender e vontade de compartilhar experiências com os pares. Vale destacar que os efeitos dessa influência não são uniformes nos indivíduos, e acabam variando de acordo com o

desempenho do aluno e com o histórico acadêmico.

Outro ponto que merece ser destacado é a verificação da qualidade da amizade como forma de compreender os fatores que influenciam o envolvimento dos estudantes. As características das relações e a forma com que são interpretadas é que determinam se as influências são positivas ou negativas (Li et al., 2011). De fato, existem indícios que mostram que relacionamentos de alta qualidade, dotados de apoio e intimidade, podem atuar como fator de proteção e colaborar com o processo de ajustamento acadêmico (Waldrup, et al., 2008).

Conforme disserta Juvonen et al. (2012) não é somente o comportamento dos indivíduos que importa no contexto do desenvolvimento, mas a qualidade dos relacionamentos. Para os autores, as relações estáveis e de alta qualidade podem encorajar à participação e envolvimento nas tarefas, a partir de estratégias de reforço que os próprios amigos direcionam aos estudantes. É oportuno frisar, que a proximidade com os amigos seria vista como promotora de satisfação, pois colabora com a adaptação dos estudantes, com o enfrentamento de situações adversas e com aspectos que podem atrapalhar o processo de ensino aprendizagem (Kiuru et al., 2020).

Contudo, apesar de alguns autores relatarem a influência positiva das amizades para o processo de engajamento acadêmico (Delgado et al., 2016; Lessard, 2019), há autores que destacam que nem todas as interações com os pares proporcionam tais efeitos (Sousa & Cerqueira-Santos, 2011; Kingery et al., 2011). Segundo Sousa & Cerqueira-Santos (2011) existem relações que apesar de proporcionarem sentimentos de bem-estar e uma afeição mútua, não favorecem o desenvolvimento acadêmico.

A baixa qualidade nas relações pode aumentar a propensão do estudante sofrer prejuízos emocionais e pode reduzir seus níveis de motivação e engajamento acadêmico (Kingery et al., 2011). Paralelamente, o predomínio de características negativas em um relacionamento pode acarretar problemas de adaptação, baixo suporte social, maiores índices de comportamentos problemáticos e negatividade (Hiatt et al., 2015).

Quando estudantes fazem afiliações com indivíduos que não valorizam as atividades acadêmicas e que apresentam comportamentos desviantes, existe uma tendência de que esses comportamentos sejam replicados (Veronneau & Dishion, 2011). Sendo assim, a similaridade nos comportamentos dos estudantes e seus amigos pode suscitar em uma redução no nível do envolvimento.

Devido às divergências nos estudos que abordam essa associação, é necessário investigar os fatores que são responsáveis pelo engajamento acadêmico no contexto escolar. Há características da amizade que podem contribuir de maneira mais efetiva para o engajamento acadêmico? Como a qualidade da amizade influencia esse processo?

Portanto, compreender os benefícios dos amigos para o processo de engajamento acadêmico pode ajudar na criação de estratégias que incentivem as relações de amizade no contexto escolar. E conforme postulam Taylor e Townsend (2016) isso não envolve apenas a inclusão de horários livres para recreação e brincadeiras entre estudantes, mas exige uma estruturação no contexto escolar que ofereça oportunidades de interações sociais positivas, isto é, chances para que sejam estabelecidas relações com qualidade desejáveis.

Em síntese, a literatura nos mostra que as relações de amizade se constituem como

elementos importantes no processo de desenvolvimento humano. De acordo com alguns estudiosos, esses relacionamentos no contexto escolar podem estar associados ao engajamento acadêmico, na medida que os amigos atuam como fonte de suporte e favorecem o sentimento de pertencimento. Entretanto, existem divergências teóricas que admitem que nem todas as relações de amizade podem contribuir positivamente. Nesse cenário, surge a necessidade de investigar a qualidade desses relacionamentos, a fim de descobrir quais características presentes nas relações de amizade podem colaborar com o engajamento acadêmico.

3 Presente Estudo: Objetivos e Hipóteses

A partir do exposto, o objetivo deste estudo é examinar a associação entre a qualidade das relações de amizade e o processo de engajamento acadêmico de estudantes do Ensino Fundamental. Para isso, são delimitados como objetivos específicos:

- 1 Verificar a relação existente entre dimensões positivas e dimensões negativas da qualidade da amizade e o engajamento acadêmico dos estudantes.
- 2 Examinar a associação entre as dimensões da qualidade da amizade perante o engajamento acadêmico comportamental, emocional e cognitivo.

Além disso, serão realizadas análises para explorar como variáveis de gênero e idade estão associadas à qualidade da amizade e ao engajamento acadêmico.

Em relação às hipóteses que norteiam essa pesquisa, elas se configuram como: As dimensões positiva e negativa da qualidade da amizade estão correlacionadas ao engajamento dos estudantes (H1). Relações de amizade que apresentam companheirismo,

intimidade, satisfação, apoio emocional e aprovação estariam associadas positivamente ao engajamento acadêmico, enquanto relações marcadas por pressão, conflito, crítica, dominância e exclusão estariam negativamente associadas (H2).

4 Método

O estudo pretende averiguar a influência das relações de amizade no processo de engajamento acadêmico, analisando a percepção dos estudantes sobre a qualidade de seus relacionamentos. A abordagem utilizada nesta pesquisa é quantitativa com um delineamento correlacional.

4.1 Participantes

A pesquisa foi desenvolvida com 634 estudantes do segundo ciclo do Ensino Fundamental, matriculados em escolas estaduais públicas da cidade de Curitiba, Paraná. A idade dos participantes variou entre os 10 e os 14 anos, tendo uma média de 12,21 e um desvio padrão de $\pm 1,25$. = 634.

Tabela 2

Distribuição amostral por faixa etária

Idade	Frequência	%
10	64	10,1%
11	138	21,8%
12	146	23,0%
13	170	26,8%
14	116	18,3%

No que concerne à série escolar dos entrevistados, a maior parte estava cursando

o sexto ano do Ensino Fundamental, e apresentavam uma grande distribuição de idade. Em relação ao gênero, a amostra se revelou bastante equilibrada, sendo 331 (52,2%) dos estudantes do sexo masculino e 299 (47,2%) do sexo feminino. No que diz respeito à identidade étnico-racial, 48,6% dos participantes identificaram-se como brancos, 32,2% como pardos, 7,3% como pretos, 4,7% como amarelos e 3,2% como indígenas.

Tabela 3

Estatística descritiva do perfil sociodemográfico da amostra total

	Frequência	%
Série		
6º ano	205	32,4%
7º ano	155	24,5%
8º ano	160	25,2%
9º ano	114	17,9%
Gênero		
Masculino	331	52,2%
Feminino	299	47,2%
Não informado	4	0,6%
Raça		
Branco	308	48,6%
Pardo	204	32,2%
Preto	46	7,3%
Amarelo	30	4,7%
Indígena	20	3,2%
Não informado	26	4,0%

Vale ressaltar, que os critérios estabelecidos para a participação na pesquisa

foram o assentimento do próprio estudante e a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido devidamente assinado pelos pais ou responsáveis.

4.2 Procedimentos de Coleta de Dados

O presente estudo realiza análise secundária dos dados da pesquisa “Violência escolar e ajustamento acadêmico: examinando o papel de professores”, coletados em 2012, que obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. O estudo investiga o papel das relações entre estudantes e docentes na associação entre a vitimização e o desempenho acadêmico dos adolescentes (Cunha, 2013). Entretanto, nesta investigação, o foco será direcionado aos dados que avaliam a qualidade das relações entre estudantes e seus amigos e suas associações com o ajustamento acadêmico.

Após a aprovação do projeto, foi realizado contato com as escolas pré-selecionadas para informar os objetivos do estudo, a relevância da pesquisa e a metodologia a ser empregada na coleta de dados. Em seguida, foi entregue aos estudantes das turmas selecionadas uma carta de apresentação do Projeto e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que deveria ser assinado e entregue pelos responsáveis no caso de assentimento. Após o recolhimento dos TCLE foi agendado com a escola uma data para aplicação do questionário.

A coleta ocorreu no ambiente de sala de aula, nos horários preestabelecidos pelas Instituições. O questionário foi composto por questões de múltipla escolha, e teve como objetivo investigar a percepção dos estudantes sobre o contexto escolar e sobre os relacionamentos estabelecidos naquele âmbito. Antes da coleta, os pesquisadores realizaram a leitura do questionário para facilitar a compreensão por parte dos

participantes, e enfatizaram o caráter confidencial das informações coletadas.

4.3 Instrumentos

Para a coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos: Inventário da Rede de Relacionamentos (NRI-RQV) e Escala de Engajamento Escolar (EEE), cujos itens podem ser acessados via solicitação por e-mail.

4.3.1. Inventário da Rede de Relacionamentos (NRI-RQV)

Foi utilizado o Inventário da Rede de Relacionamentos-Versão Qualidade dos Relacionamentos (Furman & Buhrmester, 1985) adaptado por Cunha (2013) para a realidade brasileira. Esse instrumento de autorrelato examina a percepção de crianças e adolescentes a respeito da qualidade dos relacionamentos entre pais, professores e amigos. Nesse estudo, serão avaliados somente itens referentes as amizades. Composto por cinco dimensões positivas (*companheirismo*, ex: “Com que frequência você brinca e se diverte com esta pessoa?”, *intimidade*, ex: “Com que frequência você conta para a pessoa tudo pelo que está passando?”, *satisfação*, ex: “Quanto você está satisfeito com seu relacionamento com esta pessoa?”, *apoio emocional*, ex: “Com que frequência você conta com esta pessoa quando precisa de ajuda, conselhos e consolo?”, *aprovação*, ex: “Com que frequência essa pessoa parece realmente orgulhosa de você?”; e cinco dimensões negativas (*pressão*, ex: “Com que frequência esta pessoa leva você a fazer coisas de que você não gosta?”, *conflito*, ex: “Com que frequência você e esta pessoa discutem um com o outro?”, *critica*, ex: “Com que frequência essa pessoa critica você?”, *dominância*, ex: “Com que frequência esta pessoa acaba tomando as decisões por vocês dois?”, *exclusão*, ex: “Com que frequência parece que esta pessoa ignora você?”).

Os itens são avaliados em uma escala de cinco pontos que medem frequência e intensidade (1= nunca, 2= quase nunca, 3= às vezes, 4= quase sempre, 5= sempre).

4.3.2. Escala de Engajamento Escolar (EEE)

Para mensurar o engajamento acadêmico no contexto escolar, foi utilizada a Escala de Engajamento Escolar (Fredricks, Blumenfeld, Friedel & Paris, 2005) traduzida para a Língua Portuguesa por técnica de *backtranslation*. Constituída por 19 itens e por uma escala Likert de cinco pontos (1= realmente discordo, 2= discordo, 3= não concordo nem discordo, 4= concordo, 5= realmente concordo) ela avalia as três dimensões do engajamento acadêmico, sendo cinco itens relacionado ao engajamento comportamental (“Eu presto atenção nas aulas”), seis itens de engajamento emocional (“Sinto-me feliz na escola”) e oito itens direcionados ao engajamento cognitivo (“Se não entendo o que leio, volto atrás e leio outra vez”).

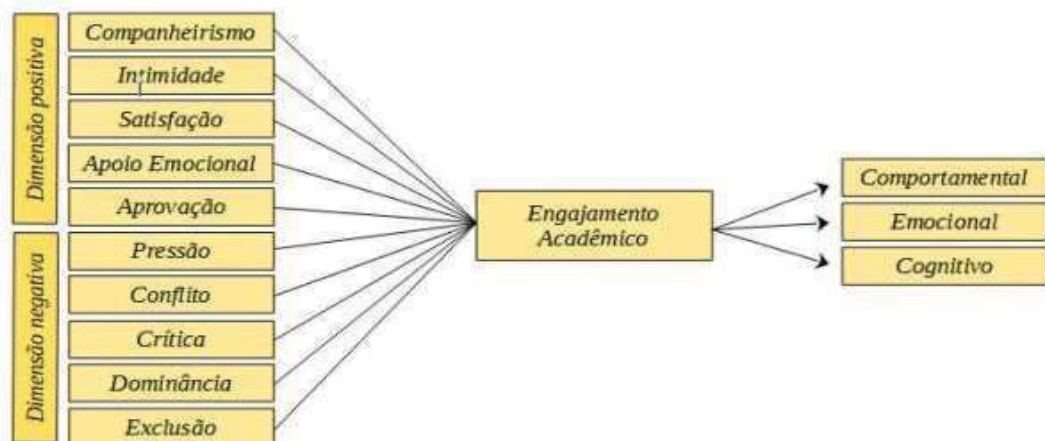
4.4 Plano de Análise

Os dados coletados serão averiguados por meio de técnicas quantitativas, utilizando o pacote estatístico Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 21.0. A princípio foram efetuadas análises descritivas para a obtenção de média, frequência e desvio padrão. Após verificar a normalidade dos dados, foram realizadas análises das propriedades psicométricas dos instrumentos incluindo verificação da consistência interna por meio do cálculo do alfa de Cronbach, sendo considerados valores de consistência interna acima de 0,70. Análises de correlação foram realizadas para verificar o grau e a intensidade da relação entre as variáveis “qualidade de amizade” e “engajamento acadêmico” utilizando o Coeficiente de Pearson.

Para prever o papel da qualidade da amizade perante esse fenômeno será conduzido análises de Regressão Linear Múltipla com o método Enter. No primeiro modelo foi incluído como variável dependente o engajamento acadêmico e como preditores as variáveis de controle (gênero e idade) a fim de verificar se existem diferenças na associação. O segundo modelo terá como variável dependente o engajamento acadêmico e como preditores os dez domínios que avaliam a qualidade da amizade, incluindo companheirismo, intimidade, satisfação, apoio emocional, aprovação, pressão, conflito, crítica, dominância e exclusão. Além disso, serão executadas análises de regressão, tendo como variáveis de resposta às três dimensões do engajamento acadêmico, e como variáveis independentes as variáveis já citadas no primeiro e no segundo modelo.

Figura 1

Modelo conceitual



5 Resultados

5.1 Análise do Inventário da Rede de Relacionamentos

A variável da qualidade da amizade foi avaliada a partir de dez dimensões,

incluindo: Companheirismo (3 itens), Intimidade (3 itens), Pressão (3 itens), Satisfação (3 itens), Conflito (3 itens), Apoio Emocional (3 itens), Crítica (3 itens), Aprovação (3 itens), Dominância (3 itens), Exclusão (3 itens). Apesar dessa escala se subdividir em dois eixos principais de análise (dimensão positiva e dimensão negativa), neste estudo para compreender o efeito de cada dimensão específica, algumas análises serão realizadas de forma individual.

Para compreender o grau de confiabilidade da escala, foi executada uma análise da consistência interna por meio do alfa de Cronbach, com intervalo de confiança de 95%. Embora as dimensões tenham apresentado índices baixos, não houve exclusão de itens, tendo em vista que a exclusão de qualquer item não acarretaria em mudanças expressivas nos níveis de consistência, conforme indicado na tabela 4.

Tabela 4

Índices de Consistência Interna das dimensões do Inventário da Rede de Relacionamentos

Dimensões	Mínimo	Máximo	Média	D.P.	Nº de Itens	α de Cronbach
Companheirismo	1	5	4,00	0,84	3	0,58
Intimidade	1	5	3,49	1,28	3	0,82
Pressão	1	5	1,78	0,83	3	0,57
Satisfação	1	5	4,13	0,96	3	0,74
Conflito	1	5	2,23	1,00	3	0,74
Apoio Emocional	1	5	3,59	1,23	3	0,79
Crítica	1	5	1,80	0,86	3	0,65
Aprovação	1	5	3,65	1,04	3	0,74
Dominância	1	5	2,24	0,97	3	0,61
Exclusão	1	5	1,91	0,88	3	0,49

Analisando individualmente cada dimensão, pode-se observar que satisfação, conflito, apoio emocional, crítica, aprovação e dominância, apresentam uma confiabilidade moderada (maior que 0,60), que segundo Freitas & Rodrigues (2005) pode ser considerada satisfatória. Já as dimensões companheirismo, pressão e exclusão apresentaram índices de consistência interna muito abaixo do esperado, o que pode causar inconsistências nas análises que utilizarem esses itens. Além disso, vale ressaltar que o fator intimidade ficou em destaque tendo o escore de confiabilidade calculado em $\alpha = 0,82$.

5.2 Análise da Escala de Engajamento Escolar

A análise do engajamento acadêmico foi composta por três dimensões, sendo o engajamento comportamental (4 itens), engajamento emocional (6 itens) e engajamento cognitivo (9 itens). A escala utilizou medidas de autorrelato para a mensuração dos itens e foi alinhada ao modelo teórico, sendo analisado de forma global (engajamento acadêmico global) e de forma específica (engajamento comportamental, engajamento emocional e engajamento cognitivo), com o intuito de viabilizar uma análise mais aprofundada de cada elemento.

Foi verificada a normalidade da escala, e houve a recodificação de duas variáveis, sendo o *eng 09* (Eu me meto em problemas na escola) e o *eng 31* (Sinto-me chateado na escola). Esses itens tiveram seus escores invertidos, devido o sentido conceitual que foi disposto de forma reversa em relação as outras variáveis. Em relação a consistência interna, não houve exclusão de itens, uma vez que tal ação não melhoraria os índices. Na tabela 5 são dispostos a média, o desvio padrão e o coeficiente de Cronbach das dimensões analisadas.

Tabela 5*Índices de Consistência Interna das dimensões da Escala de Engajamento Escolar*

Dimensões	Mínimo	Máximo	Média	D.P.	Nº de itens	α de Cronbach
Engajamento Comportamental	1	5	3,38	0,74	4	0,68
Engajamento Emocional	1	5	3,39	0,84	6	0,76
Engajamento Cognitivo	1	5	2,93	0,83	9	0,82

A partir da classificação proposta por Freitas & Rodrigues (2005) para avaliação da confiabilidade de um instrumento, foi verificado que o coeficiente do engajamento comportamental $\alpha=0,68$ e do engajamento emocional $\alpha=0,76$ atingiram um índice de consistência interna moderado. Por outro lado, o engajamento cognitivo assumiu um escore de alta confiabilidade com valor de $\alpha=0,82$. Sendo assim, a escala revelou índices de confiabilidade aceitáveis, equiparando-se aos resultados obtidos em outros estudos que investigaram as suas características psicométricas.

5.3 Correlação entre o Engajamento Acadêmico e a Qualidade da Amizade

A seguir, foram realizadas análises de correlação entre as dimensões do engajamento acadêmico e as dimensões positiva e negativa da qualidade da amizade, com o intuito de mensurar o grau de relacionamento entre as variáveis. Para verificar essa relação foi utilizado o Coeficiente de Correlação de Pearson (r), conforme indicado na tabela 6.

Tabela 6

Índices de correlação entre as dimensões do Inventário da Rede de Relacionamentos (NRI-RQV) e a Escala de Engajamento Escolar (EEE)

Variáveis	1	2	3	4	5	6
1.Engajamento Acadêmico Global						
2.Engajamento Comportamental	0,81**	1				
3.Engajamento Emocional	0,83**	0,48**	1			
4.Engajamento Cognitivo	0,86**	0,57**	0,56**	1		
5.Dimensão positiva	0,06	-0,03	0,13**	0,05	1	
6.Dimensão negativa	-0,14**	-0,15**	-0,13**	-0,07	0,10*	1

Nota: **. $p < 0,01$; *. $p < 0,05$

Os resultados apontam que a dimensão negativa do NRI se mostrou significativamente correlacionada ao engajamento acadêmico global ($r=-0,14$; $p<0,01$), engajamento comportamental ($r=-0,15$; $p<0,01$) e ao engajamento emocional ($r=-0,13$; $p<0,01$). O sinal negativo presente nessas três correlações indica que são inversamente proporcionais, ou seja, que o engajamento global, comportamental e emocional dos estudantes diminui ou aumenta em direções opostas as variações nas dimensões negativas dos relacionamentos de amizade. Esse padrão de associação tem sido exposto nos estudos que analisam como os aspectos presentes em uma baixa qualidade da amizade podem interferir no engajamento dos estudantes no contexto escolar (Hosan & Hoglund, 2017; Kingery et al., 2011; Freitas et al., 2018).

No que tange à dimensão positiva da amizade, ela apontou somente uma correlação significativa sendo com o engajamento emocional ($r=0,13$; $p<0,01$). A

direção positiva da relação indica que quanto maior a frequência da dimensão positiva nas relações de amizade, maior o engajamento emocional. Este achado corrobora estudos que abordam como aspectos de uma alta qualidade da amizade podem encorajar e incentivar os estudantes na realização de atividades acadêmicas e no seu respectivo engajamento (Juvonen et al., 2012).

É importante destacar que em relação a magnitude dos coeficientes, eles apresentaram um fraco índice de correlação, revelando uma associação menor entre as variáveis. Além disso, dentre as variáveis examinadas, nem a dimensão positiva nem a dimensão negativa da qualidade da amizade foram correlacionadas ao engajamento cognitivo. Sendo que o engajamento cognitivo só apresentou correlações positivas e significativas com as outras dimensões da própria escala de engajamento.

5.4 Análise de Regressão: Engajamento Acadêmico a partir da Qualidade da Amizade

Logo após, foram realizadas análises para verificar em que medida as dimensões da qualidade da amizade estariam conjuntamente associadas ao engajamento acadêmico dos estudantes. A partir de um modelo hierárquico, foram realizadas quatro regressões lineares múltiplas utilizando o método Enter. Em todas as análises foram verificados os resíduos independentes, a ausência de multicolinearidade, a presença de outliers e de homocedasticidade, para garantir aderência aos pressupostos desta análise.

A primeira regressão teve como variável dependente o engajamento acadêmico global, e que nesse caso é formado pela junção das três dimensões: engajamento comportamental, engajamento emocional e engajamento cognitivo. No primeiro modelo foram inseridos como variáveis de controle o gênero e a idade, com o intuito de verificar se existiam diferenças no engajamento dos estudantes a partir dessas variáveis de

controle. Já no segundo modelo foram adicionadas junto às variáveis de controle, todos os itens que mensuram a qualidade da amizade e que estão presentes no NRI.

Tabela 7

Regressão Linear: Engajamento Acadêmico Global e Qualidade da Amizade

Item	Modelo 1				Modelo 2			
	B	SE	β	t	B	SE	β	t
Constante	4,45	0,27		16,00	4,29	0,30		13,92
Idade	-0,10	0,02	-0,19	-4,89**	-0,11	0,02	-0,20	-5,07**
Gênero	0,04	0,05	0,03	0,85	0,00	0,06	0,00	-0,10
Companheirismo					-0,02	0,04	-0,03	-0,66
Intimidade					-0,05	0,03	-0,10	-1,61
Pressão					-0,07	0,04	-0,08	-1,64
Satisfação					0,00	0,03	0,00	-0,07
Conflito					-0,03	0,03	-0,04	-0,93
Apoio Emocional					0,00	0,03	0,01	0,16
Crítica					-0,05	0,04	-0,06	-1,23
Aprovação					0,16	0,03	0,25	4,54**
Dominância					0,06	0,03	0,09	1,91
Exclusão					0,06	0,03	0,08	1,74
F=	12,52				5,97			
R ² =	0,04				0,10			

Nota: Idade (10= 10 anos, 11= 11 anos, 12= 12 anos, 13= 13 anos, 14= 14 anos);

Gênero: (Masculino = 1, Feminino=2); *.p<0,05; **.p<0,01.

No primeiro modelo, as análises indicaram que apenas a variável idade foi significativa e negativamente associada ao engajamento acadêmico ($F(2,606)=12,52$, $B=-0,10$, $R=0,19$, $\beta=-0,19$, $T=-4,89$, $p<0,01$), sugerindo potencial redução no engajamento acadêmico entre estudantes mais velhos. Já no segundo modelo da regressão foram adicionadas as dez dimensões referentes à qualidade da amizade sendo companheirismo, intimidade, satisfação, apoio emocional, pressão, conflito, crítica, dominância e exclusão.

A inserção dessas variáveis melhorou o modelo ($F(12,596)=5,969$, $p<0,01$; $R=0,32$) entretanto apenas as variáveis idade ($B=-0,11$, $\beta=-0,20$, $T=-5,07$, $p<0,01$) e aprovação ($B=0,16$, $\beta=0,25$, $T=4,54$, $p<0,01$) foram estatisticamente significativas, aumentando a explicação da variação de engajamento em 10% pelas variáveis independentes. Isso indica que a aprovação e o engajamento acadêmico estão associados positivamente, e quanto maior a aprovação experienciada por um estudante em uma relação de amizade, maior seu nível de engajamento.

Em seguida, na tentativa de avaliar como a qualidade da amizade influencia cada dimensão do engajamento acadêmico, foram realizadas regressões lineares, tendo como variáveis dependentes as três dimensões do engajamento escolar. Dessa forma, a segunda regressão realizada teve como variável de resposta o engajamento comportamental, e como variáveis preditivas os dez domínios que mensuram a qualidade da amizade, e que foram descritos anteriormente. Conforme é apresentado na tabela abaixo.

Tabela 8*Regressão Linear: Engajamento Comportamental e Qualidade da Amizade*

Item	Modelo 1				Modelo 2			
	B	SE	β	t	B	SE	β	t
Constante	4,67	0,31		15,08	4,60	0,34		13,32
Idade	-0,10	0,02	-0,17	-4,31**	-0,09	0,02	-0,16	-4,00**
Gênero	-0,02	0,06	-0,01	-0,35	0,00	-0,06	0,00	-0,07
Companheirismo					-0,07	0,04	-0,08	-1,64
Intimidade					-0,10	0,03	-0,18	-2,79*
Pressão					-0,08	0,04	-0,09	-1,81
Satisfação					0,03	0,04	0,04	0,73
Conflito					-0,01	0,03	-0,02	-0,43
Apoio Emocional					0,02	0,04	0,03	0,54
Crítica					-0,06	0,04	-0,07	-1,36
Aprovação					0,13	0,04	0,18	3,21*
Dominância					0,06	0,03	0,08	1,71
Exclusão					0,06	0,04	0,07	1,56
F=	9,33				4,69			
R ² =	0,03				0,08			

Nota: Idade (10= 10 anos, 11= 11 anos, 12= 12 anos, 13= 13 anos, 14= 14 anos);

Gênero: (Masculino = 1, Feminino=2); *.p<0,05; **.p<0,01.

No primeiro modelo foram adicionadas as variáveis de gênero e idade como preditores, e neste caso somente a variável idade foi significativa ($F(2,606)= 9,326$, $B= -0,10$, $R=0,17$, $\beta= -0,17$, $T= -4,31$, $p<0,01$), explicando relativamente pouca variabilidade nesta dimensão do engajamento (3%). Ao inserir as outras variáveis no segundo modelo, foi verificado uma associação estatisticamente significativa ($F(12,596)= 4,685$, $p< 0,01$; $R=0,29$) entre idade ($B=-0,09$, $\beta=-0,16$, $T=-4,00$, $p<0,01$), intimidade ($B=-0,10$, $\beta=-0,18$, $T=-2,79$, $p<0,05$) e aprovação ($B=0,13$, $\beta=0,18$, $T=3,21$, $p<0,05$), havendo um aumento no grau explicativo de 8%. Apesar dos índices de explicação não apresentarem um efeito saliente, a análise mostrou que intimidade foi um preditor significativo negativo de engajamento comportamental, enquanto aprovação foi um preditor significativo positivo.

A terceira regressão empregou como variável dependente o engajamento emocional e utilizou nos dois modelos as mesmas dimensões das regressões anteriores, ou seja, no primeiro modelo utilizou gênero e idade como variáveis controladas, e no segundo modelo inseriu como variáveis independentes as dimensões da qualidade da amizade.

Tabela 9*Regressão Linear: Engajamento Emocional e Qualidade da Amizade*

Item	Modelo 1				Modelo 2			
	B	SE	β	t	B	SE	β	t
Constante	4,02	0,35		11,38	3,84	0,39		9,721
Idade	-0,05	0,02	-0,08	-2,18	-0,07	0,02	-0,11	-2,77
Gênero	0,06	0,06	0,04	0,98	-0,06	0,07	-0,03	-0,77
Companheirismo					-0,04	0,05	-0,04	-0,85
Intimidade					0,00	0,04	-0,01	0,19
Pressão					-0,01	0,05	-0,01	-0,27
Satisfação					0,07	0,05	0,08	1,53
Conflito					-0,02	0,04	-0,02	-0,50
Apoio Emocional					-0,02	0,05	-0,02	-0,39
Crítica					-0,04	0,05	-0,04	-0,76
Aprovação					0,16	0,04	0,19	3,39*
Dominância					-0,01	0,04	-0,01	-0,22
Exclusão					0,03	0,04	0,03	0,79
F=	2,96				3,17			
R ² =	0,01				0,06			

Nota: Idade (10= 10 anos, 11= 11 anos, 12= 12 anos, 13= 13 anos, 14= 14 anos); Gênero: (Masculino = 1, Feminino=2); *.p<0,05; **.p<0,01.

Na análise de regressão que analisou o engajamento emocional a partir de aspectos da qualidade da amizade, no primeiro modelo não houve associação significativa com nenhuma variável incluída como controle. O que sugere que nesta amostra nem a idade e nem o gênero estão significativamente associados ao engajamento emocional. No segundo modelo somente a variável aprovação ($F(12,596)= 3,174$, $B= 0,16$, $R= 0,24$, $\beta= 0,19$, $T=3,39$, $p<0,01$) expressou significância estatística, aumentando a variância explicativa de 1% no primeiro modelo para 6% no segundo modelo. Tal achado reafirma o efeito do fator aprovação nos relacionamentos dos adolescentes, porém agora perante o engajamento emocional.

Por fim, a quarta regressão teve como variável de resposta o engajamento cognitivo, e seus preditores no primeiro e segundo modelo continuaram os mesmos, nesse caso, as variáveis de idade, gênero e as dez dimensões da qualidade da amizade propostas no NRI.

Tabela 10*Regressão Linear: Engajamento Cognitivo e Qualidade da Amizade*

Item	Modelo 1				Modelo 2			
	B	SE	β	t	B	SE	β	t
Constante	4,66	0,34		13,67	4,42	0,37		11,80
Idade	-0,15	0,02	-0,22	-5,79**	-0,15	0,02	-0,23	-5,89**
Gênero	0,09	0,06	0,05	1,37	0,04	0,07	0,02	0,63
Companheirismo					0,04	0,05	0,03	0,77
Intimidade					-0,06	0,04	-0,10	-1,60
Pressão					-0,10	0,05	-0,10	-2,10
Satisfação					-0,11	0,04	-0,13	-2,49
Conflito					-0,05	0,04	-0,06	-1,36
Apoio Emocional					0,01	0,04	0,02	0,32
Crítica					-0,05	0,05	-0,05	-0,98
Aprovação					0,21	0,04	0,26	4,67**
Dominância					0,14	0,04	0,16	3,37*
Exclusão					0,09	0,04	0,09	2,03
F=	18,12				7,80			
R ² =	0,05				0,13			

Nota: Idade (10= 10 anos, 11= 11 anos, 12= 12 anos, 13= 13 anos, 14= 14 anos); Gênero: (Masculino = 1, Feminino=2); *.p<0,05; **.p<0,01.

As análises revelaram que no primeiro modelo a idade foi estatisticamente significativa ($F(2,606)=18,12$, $B= -0,15$, $R= 0,23$, $\beta= -0,22$, $T=-5,79$, $p<0,01$), e o gênero continuou não apresentando associação. No segundo modelo, os coeficientes apresentaram uma melhoria ($F(12,596)= 7,802$, $p< 0,01$; $R=0,36$), e as variáveis significativas foram idade ($B=-0,15$, $\beta=-0,23$, $T=-5,89$, $p<0,01$), aprovação ($B=0,21$, $\beta=0,26$, $T=4,67$, $p<0,01$) e dominância ($B=0,14$, $\beta=0,16$, $T=3,37$, $p<0,05$). A inserção das variáveis do NRI possibilitou um aumento na variância explicada do modelo, sendo de 5% para 13%. Evidenciando o princípio de que quanto maior a aprovação e o dominância em um relacionamento entre amigos, melhor a taxa de engajamento cognitivo dos estudantes.

6Discussão

Este estudo foi realizado com o intuito de avaliar como as relações de amizade estavam associadas ao engajamento de estudantes do Ensino Fundamental. De modo geral, os resultados obtidos foram consistentes com os achados da literatura, indicando que existe uma relação significativa entre dimensões discretas da qualidade da amizade e o engajamento acadêmico.

A princípio, a análise de correlação demonstrou que a dimensão positiva da amizade foi correlacionada positivamente ao engajamento emocional, e nesse caso seria um fator que poderia colaborar com esse tipo de engajamento. Já a dimensão negativa se revelou correlacionada negativamente ao engajamento global, comportamental e emocional, sendo percebida como uma ameaça, pois quando presente poderia diminuir o envolvimento dos estudantes.

Tais achados assemelham-se à premissa proposta por Juvonen et al. (2012), de

que uma relação de alta qualidade pode favorecer os comportamentos de envolvimento e seus resultados acadêmicos (Juvonen et al., 2012). Ao mesmo tempo que um relacionamento de baixa qualidade pode influenciar de forma contrária, fazendo com que os estudantes sejam desencorajados, não tenham interesse e não participem das atividades escolares.

Vale destacar que, de modo geral, as dimensões negativas da amizade apresentaram o maior número de correlações significativas em relação ao engajamento, obtendo os índices mais elevados na análise. O que revela o seu potencial impacto diante do processo em análise, devido às experiências nocivas que esses aspectos proporcionam aos indivíduos, e que são percebidos de forma mais impactante (Burk & Laursen, 2005).

Esse padrão de associação entre aspectos negativos da amizade e o engajamento evidencia a necessidade de melhorar a qualidade dos relacionamentos no contexto escolar, a fim de reduzir os impactos causados pela dimensão negativa. As relações de baixa qualidade podem ser vistas como um fator de risco para as realizações acadêmicas (Sebanc et al., 2016), pois favorecem os comportamentos desviantes e reduzem o desempenho (Vitaro et al., 2009).

Outro achado importante que o estudo obteve refere-se a análise das dimensões individuais da qualidade da amizade. Por meio da técnica de regressão linear múltipla, foi observado que somente três dimensões foram associadas significativamente ao engajamento acadêmico e as suas dimensões, sendo elas: aprovação, intimidade e dominância.

O fator aprovação foi o único aspecto que se revelou expressivo em todas as regressões hierárquicas. Ele foi associado positivamente ao engajamento acadêmico global e também as suas três dimensões do engajamento (comportamental, emocional e

cognitivo), indicando que quanto maior o nível de aprovação em um relacionamento, maior será o engajamento dos estudantes. Esse aspecto assume significado importante para os adolescentes, e tem sido alvo de diversas investigações que buscam examinar a sua influência diante do ajustamento escolar. Por exemplo, Bohn (2011), destacou a capacidade motivacional que esse fator têm diante dos indivíduos e das suas relações, uma vez que essa necessidade de aprovação, pode regular os sentimentos que os sujeitos concebem sobre si mesmos e sobre a maneira que atuam perante os outros.

Quando os indivíduos se sentem aceitos, eles satisfazem a sua necessidade de se relacionar, e isso faz com que se sintam realizados (Wang & Eccles, 2013). Além disso, acredita-se que a aprovação pode influenciar a opinião dos estudantes sobre a escola e sobre a percepção que eles têm sobre seus relacionamentos (Antonopoulou et al., 2019), colaborando com o sentimento de pertencimento e tornando os indivíduos ainda mais motivados (Rudolph et al., 2005).

Outra variável preditora que apareceu como significativa nas análises foi a intimidade. Essa dimensão apresentou uma associação significativa negativa com o engajamento comportamental. Entretanto, tal resultado não se alinha aos achados encontrados na literatura, que afirmam que relacionamentos marcados por intimidade podem colaborar com o ajustamento do indivíduo e com a forma que ele se comporta no contexto escolar (Bauminger et., 2008). Diante dessa situação, cabe uma investigação mais aprofundada perante essa resposta, afim de entender os fatores que contribuíram para essa associação positiva.

A terceira variável que se destacou nas análises foi a dominância, sendo associada positivamente ao engajamento cognitivo. De modo geral, ela é reconhecida como uma dimensão negativa, pois compreende a um desequilíbrio de forças, em que

um indivíduo assume uma decisão pelo outro. Entretanto, uma possível hipótese plausível para sua influência positiva perante o engajamento pode estar relacionada ao sentimento que os indivíduos têm quando assumem esse nível de domínio.

Conforme afirma Closson (2006), indivíduos dominantes têm um status social maior do que aqueles que têm um nível de dominância menor, e isso pode se tornar um desejo dos adolescentes, na medida que querem ser vistos como poderosos e populares. Na adolescência, ser respeitado e influente perante os amigos pode fazer com que o indivíduo se engaje nas atividades e busque dominar novos conhecimentos.

Note que apesar desta dimensão ser considerada como negativa no instrumento utilizado (NRI-RQV), ela está associada positivamente ao engajamento acadêmico. Confirmando a premissa apresentada por Freitas et al. (2018) de que uma relação com uma boa qualidade apesar de estar relacionada a características positivas, pode abranger aspectos negativos. Como já dito anteriormente, não se trata de uma disputa entre os aspectos positivos e negativos, mas a função que eles desempenham nos relacionamentos.

Em relação as variáveis de controle utilizadas nas análises de regressão, o gênero não apresentou significância nas análises. Deste modo, ao menos nesta amostra, o fato do estudante ser menino ou menina não esteve associado ao engajamento acadêmico. Outras pesquisas relataram resultados similares, como é o caso do estudo de Wang & Eccles (2013) que, ao tentarem observar como as relações de suporte dos adolescentes se apresentavam diante do envolvimento escolar, descobriram que o fator gênero não moderava essa relação entre apoio dos pares e as dimensões do engajamento, e que as influências eram semelhantes entre os gêneros dos adolescentes.

Sobre a ausência de disparidades de gênero quanto ao engajamento, ela também foi evidente em outros estudos (Caldeira et al., 2013), sendo que em uma revisão

sistemática que averiguava como a amizade estava ligada aos resultados acadêmicos, constatou que não houve diferenciação entre os gêneros, e que esse fator não era um moderador significativo (Wentzel et al., 2018).

Já o fator idade se revelou como significativo nas análises realizadas, reforçando o que a literatura já declara, de que o efeito da amizade perante o engajamento acadêmico é diferente em determinadas faixas etárias. Segundo Way & Greene (2006) a qualidade dos relacionamentos se modifica na medida que os indivíduos vão se desenvolvendo e interagindo com seus pares, desse modo, essa percepção passa por intensas transformações e resulta em diferenças em torno da idade.

Mas não é só a percepção das relações que se altera ao longo do tempo, o efeito diante do engajamento também sofre mudanças. No estudo de Caldeira e colaboradores (2013) foi observado que o engajamento escolar dos estudantes se diferenciava em função da faixa etária, e na medida em que ocorria o avanço da idade e da progressão acadêmica ele era suscetível a uma redução.

Em suma, este estudo ressalta a importância de manter e de estabelecer relações de amizade de boa qualidade entre os indivíduos. Nesse sentido, a quantidade de amigos não é o fator mais importante, pois apesar de oportunizar uma rede maior de suporte social, nem todas as relações desenvolvem as competências necessárias para um engajamento favorável (Juvonen et al., 2012). De acordo com Demir & Urberg (2004), a relação entre qualidade e quantidade em uma amizade é bidirecional, entretanto, quando os indivíduos já sabem estabelecer relacionamentos de alta qualidade, eles conseguem iniciar relações com mais facilidade.

Como já foi destacado na perspectiva bioecológica proposta por Bronfenbrenner (2011), o contexto possui um papel essencial na vida das pessoas, pois pode moldar e

influenciar o desenvolvimento humano ao longo do tempo. Ainda que neste estudo o corte transversal não permita avaliar aspectos relacionados a mudanças e estabilidades nesses processos e também no próprio contexto das amizades, encontramos indícios substantivos para apoiar a relevância de relações de amizade para a compreensão de processos de engajamento acadêmico. Mas será que as escolas estão oportunizando formas dos estudantes interagirem e de manterem conexões com outros estudantes? As práticas pedagógicas utilizadas nas escolas têm sido suficientes para estimular a criação de relacionamentos positivos?

O papel da escola é de colaborar com essas demandas, desenvolvendo momentos para essas interações, facilitando a conexão e promovendo o engajamento acadêmico. Dado que, estudantes engajados participam ativamente do processo de aprendizagem, adquirem habilidades e conhecimentos, vivenciam melhores experiências, se sentem competentes e conseguem lidar de forma mais resiliente com os desafios (Skinner & Pitzer, 2012).

Diante desse contexto, é preciso averiguar como os estudantes estão percebendo o processo de ensino, pois segundo Levy-Tossman et al. (2007), quando compreendem a escola e as atividades como uma competição entre si e os outros colegas, tendem a reduzir as chances de desenvolver relações de alta qualidade, diminuem a procura pelo suporte dos amigos e evitam estabelecer um grau de intimidade, que conforme já visto, está associado ao engajamento acadêmico.

7 Considerações Finais

O seguinte estudo verificou como a qualidade das relações de amizade estavam associadas ao engajamento de estudantes do Ensino Fundamental. Diante dos resultados apresentados, é possível afirmar que os objetivos propostos foram alcançados, contribuindo para reflexões relevantes acerca do tema. A princípio, foi constatado que as relações de amizade podem influenciar de modo significativo os processos vinculados à trajetória acadêmica, como no caso do engajamento acadêmico.

No entanto, a literatura aponta que nem sempre a amizade se configura como um contexto que favorece esse aspecto do desenvolvimento acadêmico. As análises evidenciaram que a qualidade das relações e a forma com que são percebidos esses relacionamentos é que determinam suas influências. De modo geral, relações de alta qualidade podem contribuir com o engajamento dos estudantes, enquanto relações de baixa qualidade podem exercer o efeito contrário, dificultando esse envolvimento.

Conforme relatado no estudo, aprovação e dominância também estariam associados positivamente ao engajamento dos estudantes. Tais resultados reforçam a necessidade de criar estratégias que estimulem esses aspectos nos relacionamentos, seja por meio de atividades, jogos, dinâmicas e recursos didáticos. A escola como espaço de formação e socialização, deve disponibilizar momentos de interação entre os estudantes, para que consigam se relacionar e aprender. É preciso lembrar, que para que esse espaço seja marcado por uma boa convivência, com estudantes engajados e interessados, deve-se proporcionar aspectos que favoreçam esses fatores.

Salienta-se então, a importância de valorizar esses relacionamentos no contexto acadêmico, entendendo como um fator que colabora com o desenvolvimento do indivíduo e com o seu processo de escolarização. De fato, relações de qualidade podem

intervir perante os níveis de motivação, fazendo com que os estudantes se sintam mais competentes e conectados, e conseqüentemente, reduzindo os níveis de evasão escolar e insatisfação acadêmica.

Diante disso, as contribuições deste estudo podem ser observadas no âmbito científico pelas novas faces de investigação que surgem decorrente desses resultados, e no âmbito pedagógico pela valorização desse relacionamento no contexto escolar. Essa pesquisa traz uma nova perspectiva ao cenário educacional e à atuação docente, pois confere valor as estratégias de ensino que priorizam interações positivas e de qualidade, como forma de melhorar o envolvimento dos estudantes.

Sugere-se que estudos futuros examinem essa associação, utilizando escalas que avaliem as dimensões da qualidade da amizade de forma mais específica, e ainda possam sanar algumas das limitações aqui identificadas, como por exemplo, a baixa consistência interna entre itens. Além disso, aconselha-se que analisem essa relação de associação com outras faixas etárias, tendo em vista que a percepção sobre os aspectos qualitativos se modifica conforme a progressão da idade. Afinal, uma análise abrangente sobre essas fases de ensino pode nos ajudar a compreender a dinâmica dessas relações no contexto escolar e suas contribuições perante o engajamento.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, M., Castro, M. G., Waiselfisz, J. J. (2015). Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam. *Brasília-DF: Flacso-Brasil, OEI, MEC.*
- Antonopoulou, K., Chaidemenou, A., & Kouvava, S. (2019). Peer acceptance and friendships among primary school pupils: Associations with loneliness, self-esteem and school engagement. *Educational Psychology in Practice, 35*(3), 339-351. <https://doi.org/10.1080/02667363.2019.1604324>
- Adams, R. E., Santo, J. B., & Bukowski, W. M. (2011). The presence of a best friend buffers the effects of negative experiences. *Developmental psychology, 47*(6), 1786- 1791. <https://doi.org/10.1037/a0025401>
- Bacalhau, A. I. D. S. (2003). *Amizade, reciprocidade e qualidade: A relação existe?* [Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada]. Repositório do ISPA.
- Bagwell, C. L. (2020). Friendship in Childhood. *The Encyclopedia of Child and Adolescent Development, 1*(1), 1- 14. <https://doi.org/10.1002/9781119171492.wecad278>
- Bardagi, M. P., & Hutz, C. S. (2012). Rotina acadêmica e relação com colegas e professores: impacto na evasão universitária. *Psico, 43*(2), 174-184.
- Bauminger, N., Finzi-Dottan, R., Chason, S., & Har-Even, D. (2008). Intimacy in adolescent friendship: The roles of attachment, coherence, and self-disclosure.

Journal of Social and Personal Relationships, 25(3), 409- 428.

<https://doi.org/10.1177/0265407508090866>

Berndt, T. J. (2002). Friendship quality and social development. *Current directions in psychological science*, 11(1), 7-10. <https://doi.org/10.1111/1467-8721.00157>

Bohn, L. E. (2011). Translating social motivation into action: The contributions of need for approval to social outcomes in elementary school. [Doctoral dissertation, University of Illinois at Urbana-Champaign]. Ideals.

Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humano*. Artmed Editora.

Brown, B. B. (2004). Adolescents' relationships with peers. In R. M. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 363–394). John Wiley & Sons Inc. <https://doi.org/10.1002/9780471726746.ch12>

Bukowski, W. M., Motzoi, C., & Meyer, F. (2009). *Friendship as process, function, and outcome*. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.), *Social, emotional, and personality development in context. Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 217–231). The Guilford Press.

Burk, W. J., & Laursen, B. (2005). Adolescent perceptions of friendship and their associations with individual adjustment. *International Journal of Behavioral Development*, 29 (2), 156–164. <https://doi.org/10.1080/01650250444000342>

Caldeira, S. N. Fernandes, H. R., & Tiago, M. T. B. (2013). O envolvimento do aluno na escola e sua relação com a retenção e transição acadêmica: um estudo em escolas de São

Miguel. In *XIII Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia* (pp. 7027-7049). Centro de Investigação em Educação, Instituto de Investigação, Universidade do Minho.

Camacho, I. N. M., Tomé, G. M. Q., Matos, M. G. D., Gamito, P., & Diniz, J. M. F. A.

(2010). A escola e os adolescentes: Qual a influência da família e dos amigos?.

Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente, 1(1), 101-116.

<https://doi.org/10.34628/fd2z-1m25>

Capelinha, J. C. C. (2013). *A qualidade das relações de amizade na adolescência e suas implicações ao nível do autoconceito e da auto-estima* [Tese de Doutorado, ISPA- Instituto Universitário].

Closson, L. (2006). *The role of perceived popularity and social dominance in the dynamics within early adolescent friendship cliques* [Doctoral dissertation, Carleton University].

Carvalho, R. G., Fernandes, E., Câmara, J., Gonçalves, J. A., Rosário, J., Freitas, S., & Carvalho, S. (2017). Relações de amizade e autoconceito na adolescência: um estudo exploratório em contexto escolar. *Estudos de Psicologia*, 34(3), 379-388.

<https://doi.org/10.1590/1982-02752017000300006>

Coates, H. (2005). The value of student engagement for higher education quality assurance. *Quality in higher education*, 11(1), 25-36. <https://doi.org/10.1080/13538320500074915>

Colaço, V. D. F. R. (2004). Processos interacionais e a construção de conhecimento e subjetividade de crianças. *Psicologia: reflexão e crítica*, 17(3), 333-340.

<http://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300006>

Collins, W. A., & Laursen, B. (2004). Parent-adolescent relationships and influences. *Handbook of adolescent psychology* 2(1), 331-362.

<http://doi.org/10.1002/9780471726746>

Costa, A. C. R. D. (2016). *Relações de amizade de adolescentes em situação de acolhimento institucional: fatores de risco e de proteção*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará]. Repositório da Universidade Federal do Pará.

Csikszentmihalyi, M. (2020). The masterminds series. *Finding flow: The psychology of engagement with everyday life*. Edition Revised. Basic Books.

Cunha, J. M. D. (2013). *O papel moderador de docentes na associação entre a violência escolar e ajustamento acadêmico*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná]. Acervo digital UFPR.

Delgado, T. (2015). *O Recreio Escolar como local de interação entre crianças* [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich]. Repositório Comum.

Delgado, M. Y., Ettekal, A. V., Simpkins, S. D., & Schaefer, D. R. (2016). How do my friends matter? Examining Latino adolescents' friendships, school belonging, and academic achievement. *Journal of youth and adolescence*, 45(6), 1110- 1125. <https://doi.org/10.1007/s10964-015-0341-x>

- Demir, M., & Urberg, K. A. (2004). Friendship and adjustment among adolescents. *Journal of Experimental Child Psychology*, 88(1), 68-82
<http://dx.doi.org/10.1016/j.jecp.2004.02.006>
- Dijkstra, J. K., Cillessen, A. H., & Borch, C. (2013). Popularity and adolescent friendship networks: Selection and influence dynamics. *Developmental Psychology*, 49(7), 1242-1252. <https://doi.org/10.1037/a0030098>
- Erdogdu, M. Y. (2016). Analysis of Students' School Engagement in Terms of Friendship and Teachers' Behavior. *Educational Research and Reviews*, 11(22), 2057-2064.
<https://doi.org/10.5897/ERR2016.3012>
- Fehr, B., Harasymchuk, C. (2018). The role of friendship in well-being. In Maddux, J. E. (Ed.), *Subjective well-being and life satisfaction* (pp. 103–128). New York, NY: Routledge.
- Fior, C. A. (2008). Interações dos universitários com os pares e envolvimento acadêmico: análise através da modelagem de equações estruturais. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp.
- Fonsêca, P. N. D., Lopes, B. D. J. Palitot, R. M., Estanislau, A. M. Couto, R. N., & Coelho, G. L. D. H. (2016). Engajamento escolar: explicação a partir dos valores humanos. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(3), 611-620.
<https://doi.org/10.1590/2175-3539201502031061>
- Fredricks, J. A., Blumenfeld, P. C., & Paris, A. H. (2004). School engagement: Potential

of the concept, state of the evidence. *Review of educational research*, 74(1), 59-109. <https://doi.org/10.3102/00346543074001059>

Fredricks, J. A., Blumenfeld, P., Friedel, J., & Paris, A. (2005). School engagement. In *What do children need to flourish?* (pp. 305-321). Springer, Boston, MA.

Freitas, A. L. P., & Rodrigues, S. G. (2005). A avaliação da confiabilidade de questionário: uma análise utilizando o coeficiente alfa de Cronbach. In: Simpósio de Engenharia de Produção. *Anais... Bauru-SP: UNESP*.

Freitas, M., Santos, A. J., Ribeiro, O., Pimenta, M., & Rubin, K. H. (2018). Qualidade da amizade na adolescência e ajustamento social no grupo de pares. *Análise Psicológica*, 36(2), 219-234. <https://doi.org/10.14417/ap.1551>

Furman, W., & Buhrmester, D. (2010). *Network of relationships questionnaire manual*. Unpublished manuscript, University of Denver.

Furman, W., & Buhrmester, D. (1985). Children's perceptions of the personal relationships in their social networks. *Developmental psychology*, 21(6), 1016-1024. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.21.6.1016>

Furrer, C., & Skinner, E. (2003). Sense of relatedness as a factor in children's academic engagement and performance. *Journal of educational psychology*, 95(1), 148-162. <https://doi.org/10.1037/0022-0663.95.1.148>

Garcia, A., & Pereira, P. C C. (2008). Amizade na infância: um estudo empírico. *Psic:*

revista da Vetor Editora, 9(1), 25-34.

- Goñi, E., Ros, I., & Fernández-Lasarte, O. (2018). Academic performance and school engagement among secondary school students in accordance with place of birth, gender and age. *European Journal of Education and Psychology*, 11(2), 93-105. <https://doi.org/10.30552/ejep.v11i2.224>
- Hiatt, C., Laursen, B., Mooney, K. S., & Rubin, K. H. (2015). Forms of friendship: A person- centered assessment of the quality, stability, and outcomes of different types of adolescent friends. *Personality and Individual Differences*, 77(1), 149-155. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.12.051>
- Hosan, N. E., & Hoglund, W. (2017). Do Teacher–Child Relationship and Friendship Quality Matter for Children's School Engagement and Academic Skills?. *School Psychology Review*, 46(2), 201-218. <https://doi.org/10.17105/SPR-2017-0043.V46-2>
- Juvonen, J., Espinoza, G., & Knifsend, C. (2012). The role of peer relationships in student academic and extracurricular engagement. In S. L. Christenson, A. L. Reschly, & C. Wylie (Eds.), *Handbook of research on student engagement* (pp. 387-401). Springer Science + Business Media. https://doi.org/10.1007/978-14614-2018-7_18
- Kendrick, K., Jutengren, G., & Stattin, H. (2012). The protective role of supportive friends against bullying perpetration and victimization. *Journal of Adolescence*, 35(4), 1069- 1080. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2012.02.014>

- Kim, J. (2014). "You don't need to be mean. We're friends, Right?": Young Korean-American children's conflicts and references to friendship. *Journal of Early Childhood Research*, 12(3), 279–293. <https://doi.org/10.1177/1476718X14538591>
- Kingery, J. N., Erdley, C. A., & Marshall, K. C. (2011). Peer Acceptance and Friendship as Predictors of Early Adolescents' Adjustment Across the Middle School Transition. *Merrill-Palmer Quarterly*, 57(3), 215-243. <https://doi.org/10.1353/mpq.2011.0012>
- Kiuru, N., Wang, M. T., Salmela-Aro, K., Kannas, L., Ahonen, T., & Hirvonen, R. (2020). Associations between adolescents' interpersonal relationships, school well-being, and academic achievement during educational transitions. *Journal of youth and adolescence*, 49(5), 1057-1072. <https://doi.org/10.1007/s10964-019-01184-y>
- Knifsend, C. A., Camacho-Thompson, D. E., Juvonen, J., & Graham, S. (2018). Friends in activities, school-related affect, and academic outcomes in diverse middle schools. *Journal of youth and adolescence*, 47(6), 1208-1220. <https://doi.org/10.1007/s10964-018-0817-6>
- Kuh, G. D. (2009). The national survey of student engagement: Conceptual and empirical foundations. *New directions for institutional research*, 141(1), 5-20. <https://doi.org/10.1002/ir.283>
- Kuruzovic, N. (2015). Characteristics of adolescents friendship relations: a longitudinal study of the quality, length, stability and reciprocity. *Facta Universitatis-Philosophy, Sociology, Psychology and History*, 14(02), 115-129.

- Ladd, G. W., & Dinella, L. M. (2009). Continuity and change in early school engagement: Predictive of children's achievement trajectories from first to eighth grade?. *Journal of Educational Psychology*, *101*(1), 190 - 206.<https://doi.org/10.1037/a0013153>
- Lam, S. F., S. Jimerson, E., Kikas, C., Cefai, F. H., Veiga, B., Nelson, C., Hatzichristou, et al. (2012). Do Girls and Boys Perceive Themselves as Equally Engaged in School? The Results of an International Study from 12 Countries. *Journal of School Psychology* *50* (1): 77–94. <https://doi.org/10.1016/j.jsp.2011.07.004>
- Laursen, B. (2017). Making and keeping friends: The importance of being similar. *Child Development Perspectives*, *11*(4), 282-289. <https://doi.org/10.1111/cdep.12246>
- Lee, J. S. (2014). The relationship between student engagement and academic performance: Is it a myth or reality?. *The Journal of Educational Research*, *107*(3), 177-185. <https://doi.org/10.1080/00220671.2013.807491>
- Lessard, L. (2019). *Friends as Academic Resources: How Friendships Facilitate School-Related Adjustment During Adolescence*. [Doctoral dissertation, UCLA].
Escholarship UC Open Access Publications.
- Levy-Tossman, I., Kaplan, A., & Assor, A. (2007). Academic goal orientations, multiple goal profiles, and friendship intimacy among early adolescents. *Contemporary Educational Psychology*, *32*(2), 231-252.<https://doi.org/10.1016/j.cedpsych.2006.06.001>

- Li, Y., Doyle Lynch, A., Kalvin, C., Liu, J., & Lerner, R. M. (2011). Peer relationships as a context for the development of school engagement during early adolescence. *International Journal of Behavioral Development*, 35(4), 329-342. <https://doi.org/10.1177/0165025411402578>
- Lopes, L. W. R., Magalhães, C. M. C., & Izar, P. (2003). Interações entre pré-escolares: possibilidades de análises. *Psicologia: ciência e profissão*, 23(4), 82-87. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000400013>
- Lopes, L. W. R. (2007). *Análise das amizades entre pré-escolares* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Pará]. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento.
- McNelles, L. R., & Connolly, J. A. (1999). Intimacy between adolescent friends: Age and gender differences in intimate affect and intimate behaviors. *Journal of Research on Adolescence*, 9(2), 143-159. https://doi.org/10.1207/s15327795jra0902_2
- Martin, A. J. (2012). High School Motivation and Engagement: Gender and Age Effects. *Online Submission*, 1-7.
- Martin, F., & Bolliger, D. U. (2018). Engagement matters: Student perceptions on the importance of engagement strategies in the online learning environment. *Online Learning*, 22(1), 205-222. <https://doi.org/10.24059/olj.v22i1.1092>
- Maslow, A. H. (1970) *Motivation and personality*. 2 ed. New York: Harper & Row.

- Mello, E. D. F. F., & Teixeira, A. C. (2011). A interação social descrita por Vigotski e a sua possível ligação com a aprendizagem colaborativa através das tecnologias em rede. In *Anais do Workshop de Informática na Escola*, 1(1), 1362-1365.
- Menezes, H. I. M., Lemos, M. S., & Rodrigues, L. P. (2016). A multidimensionalidade da adaptação escolar na pré-adolescência. *Análise Psicológica*, 34(4), 403-422. <http://dx.doi.org/10.14417/ap.1102>
- Monteiro, E. D. C. B. V. (2012). *Interação lúdica com os pares, aceitação social e amizades recíprocas em contexto pré-escolar* [Dissertação de Mestrado, ISPA-Instituto Universitário]. Repositório ISPA.
- Moreira, P. A., Dias, A., Matias, C., Castro, J., Gaspar, T., & Oliveira, J. (2018). School effects on students' engagement with school: Academic performance moderates the effect of school support for learning on students' engagement. *Learning and Individual Differences*, 67 (1) , 67-77. <https://doi.org/10.1016/j.lindif.2018.07.007>
- Morgan, E. M., & Korobov, N. (2012). Interpersonal identity formation in conversations with close friends about dating relationships. *Journal of Adolescence*, 35(6), 1471-1483. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2011.09.005>
- Oliosio, J. T. (2012). *Relações de amizade: uma investigação das interações dos adolescentes no contexto escolar* [Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São João]. Repositório UFSJ.

- Picton, C., Kahu, E. R., & Nelson, K. (2017). Friendship supported learning? The role of friendships in first-year students' university experiences. In *Students Transitions Achievement Retention and Success (STARS) Conference*. Adelaide: Stars.
- Poulin, F., & Chan, A. (2010). Friendship stability and change in childhood and adolescence. *Developmental review*, 30(3), 257-272. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2009.01.001>
- Rambaran, J. A., Hopmeyer, A., Schwartz, D., Steglich, C., Badaly, D., & Veenstra, R. (2017). Academic functioning and peer influences: A short-term longitudinal study of network-behavior dynamics in middle adolescence. *Child development*, 88(2), 523- 543. <https://doi.org/10.1111/cdev.12611>
- Roach, A. (2019). A concept analysis of adolescent friendship. *Nursing forum*, 54(3), 328- 335. <https://doi.org/10.1111/nuf.12332>
- Roundfield, K. D., Sánchez, B., & McMahon, S. D. (2018). An ecological analysis of school engagement among urban, low-income Latino adolescents. *Youth & Society*, 50(7), 905-925. <https://doi.org/10.1177/0044118X16639986>
- Rubin, K. H., Bukowski, W. M., & Parker, J. G. (2007). Peer Interactions, Relationships, and Groups. *Handbook of Child Psychology* (pp.571-631). John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0310>
- Rubin, K., Fredstrom, B., & Bowker, J. (2008). Future directions in... Friendship in

childhood and early adolescence. *Social development (Oxford, England)*, 17(4), 1085- 1096. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00445.x>

Rudolph, K. D., Caldwell, M. S., & Conley, C. S. (2005). Need for approval and children's well-being. *Child development*, 76(2), 309-323. https://doi.org/10.1111/j.14678624.2005-00847_a.x

Santos, A. S., Oliveira, C. T. D., & Dias, A. C. G. (2015). Características das relações dos universitários e seus pares: Implicações na adaptação acadêmica. *Psicologia: teoria e prática*, 17 (1),150–163. <https://doi.org/10.15348/19806906/psicologia.v17n1p150-163>

Santos, K. B. D. (2016). *Mobilizando comportamentos de ajuda na rede de amizades: uma estratégia de prevenção à violência no namoro baseada nos pares e na abordagem do espectador* [Tese de Doutorado, Universidade de Brasília].
Repositório Institucional da UNB.

Schaufeli, W. B.; Salanova, M.; González-Romá, V.; & Bakker, A. B. (2002). The measurement of engagement and burnout: A two sample confirmatory factor analytic approach. *Journal of Happiness studies: An Interdisciplinary Forum on Subjective Well-Being* 3(1), 71-92. <https://doi.org/10.1023/A:1015630930326>

Scharphorn, L. (2013). Between-and Within-Child Associations of Friendship Quality and Social Functioning and Academic Achievement Throughout Middle Childhood.

[Doctoral dissertation, University of Pittsburgh]. D-Scholarship Institutional Repository at the University of Pittsburgh.

Seban, A. M., Guimond, A. B., & Lutgen, J. (2016). Transactional relationships between Latinos' friendship quality and academic achievement during the transition to middle school. *The Journal of Early Adolescence*, 36(1), 108-138.

<https://doi.org/10.1177/0272431614556347>

Sena, S. S., & Souza, L. K. D. (2010). Amizade, infância e TDAH. *Contextos Clínicos*, 3(1), 18-28. <https://doi.org/10.4013/4558>

Skinner, E. A., & Pitzer, J. R. (2012). Developmental dynamics of student engagement, coping, and everyday resilience. In S. L. Christenson, A. L. Reschly, & C. Wylie (Eds.), *Handbook of research on student engagement* (pp. 21–44). Springer Science + Business Media. https://doi.org/10.1007/978-1-4614-2018-7_2

Stelko-Pereira, A. C., Valle, J. E., & Williams, L. C.A. (2015). Escala de Engajamento Escolar: análise de características psicométricas. *Avaliação psicológica*, 14(2), 207- 212. <https://doi.org/10.15689/ap.2015.1402.05>

Sousa, D. A. D., & Cerqueira-Santos, E. (2011). Redes sociais e relacionamentos de amizade ao longo do ciclo vital. *Revista psicopedagogia*, 28(85), 53-66.

Souza, L. K. (2006). *Amizade em adultos: adaptação e validação dos questionários McGill e um estudo de diferenças de género*. [Tese de Doutorado, Universidade

Federal do Rio Grande do Sul] .LUME Repositório Digital.

- Souza, L. K., & Hutz, C. S. (2008). Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 257-265. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200008>
- Souza, E.; Pasin, H. C. A.; Silva, M. C.; Sales, P. A. (2018). Interação Social e o processo de mediação entre crianças de uma escola de educação infantil. *Psicologia.pt*, 1(1), 1-20.
- Souza, L. K. (2009). Amizade em dois contextos educacionais. *Barbarói*, 2(31), 07-17. <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v2i31.1021>
- Souza, L. K., & Duarte, M. G. (2014). Amizade e bem-estar subjetivo. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 29(4), 429-436. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000400009>
- Sussman, S., Pokhrel, P., Ashmore, R. D., & Brown, B. B. (2007). Adolescent peer group identification and characteristics: A review of the literature. *Addictive behaviors*, 32(8), 1602-1627. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2006.11.018>
- Taylor, J., & Townsend, M. (2016). Childhood Friendship: Its Importance and the Educator's Role. *Kairaranga*, 17(1), 19-25.
- Tomé, G., de Matos, M. G., Simões, C., Camacho, I., & Diniz, J. A. (2012). How can peer group influence the behavior of adolescents: explanatory model. *Global*

journal of health science, 4(2), 26. <https://doi.org/10.5539/gjhs.v4n2p26>

Tomé, G., Camacho, I., Guedes, F. B., Borges, A., & Matos, M. G. D. (2019). É bom ter, ou não ter, amigos durante a adolescência? Eis a questão, sempre atual! *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 10(1), 85-94.

Tortella, J. (2001). *A representação da amizade em díades de amigos e não amigos* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório Unicamp.

Trowler, V. (2010). Student engagement literature review. *The higher education academy*, 11(1), 01-15.

Valle, J. E., Stelko-Pereira, A. C., Sá, L. G. C. D., & Williams, L. C. D. A. (2015). Bullying, vitimização por funcionários e depressão: relações com o engajamento emocional escolar. *Psicologia escolar e educacional*, 19(3), 463-473. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/019387>

Vaquera, E., & Kao, G. (2008). Do You Like Me as Much as I Like You? Friendship Reciprocity and Its Effects on School Outcomes among Adolescents. *Social science research*, 37(1), 55. <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2006.11.002>

Véronneau, M. H., & Dishion, T. J. (2011). Middle school friendships and academic achievement in early adolescence: A longitudinal analysis. *The Journal of early adolescence*, 31(1), 99-124. <https://doi.org/10.1177/0272431610384485>

Vitaro, F., Boivin, M., Bukowski, W. M. (2009). The role of friendship in child and

adolescent psychosocial development. In Rubin, K. H., Bukowski, W. M., Laursen, B. (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 568-585). New York, NY: Guilford Press.

Vitória, M. I. C., Casartelli, A., Rigo, R. M., & Costa, P. T. (2018). Engajamento acadêmico: desafios para a permanência do estudante na Educação Superior. *Educação*, 41(2), 262- 269. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.2.27960>

Waldrip, A. M., Malcolm, K. T., & Jensen-Campbell, L. A. (2008). With a little help from your friends: The importance of high-quality friendships on early adolescent adjustment. *Social development*, 17(4), 832-852. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2008.00476.x>

Wang, M. T., & Eccles, J. S. (2013). School context, achievement motivation, and academic engagement: A longitudinal study of school engagement using a multidimensional perspective. *Learning and Instruction*, 28(1),12-23.<https://doi.org/10.1016/j.learninstruc.2013.04.002>

Wang, M. T., Willett, J. B., & Eccles, J. S. (2011). The assessment of school engagement: Examining dimensionality and measurement invariance by gender and race/ethnicity. *Journal of School Psychology*, 49(4), 465-480. <https://doi.org/10.1016/j.jsp.2011.04.001>

Wang, M. T., & Fredricks, J. A. (2014). The reciprocal links between school engagement, youth problem behaviors, and school dropout during adolescence. *Child development*, 85(2), 722-737.

<https://doi.org/10.1111/cdev.12138>

Wang, M. T., Kiuru, N., Degol, J. L., & Salmela-Aro, K. (2018). Friends, academic achievement, and school engagement during adolescence: A social network approach to peer influence and selection effects. *Learning and Instruction, 58*, 148-160. <https://doi.org/10.1016/j.learninstruc.2018.06.003>

Way, N., & Greene, M. L. (2006). Trajectories of perceived friendship quality during adolescence: The patterns and contextual predictors. *Journal of Research on Adolescence, 16*(2), 293-320. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2006.00133.x>

Wentzel, K. R., Jablansky, S., & Scalise, N. R. (2018). Do friendships afford academic benefits? A meta-analytic study. *Educational Psychology Review, 30*(4), 1241–1267. <https://doi.org/10.1007/s10648-018-9447-5>